

FACULDADE DE FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

Alex Ferranti Pelicoli

**A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA
NA FORMAÇÃO DE JOVENS**

Porto Alegre

2011

ALEX FERRANTI PELICOLI

**A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA
NA FORMAÇÃO DE JOVENS**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Mestrado em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. MAURIVAN GÜNTZEL RAMOS

PORTO ALEGRE

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P384r Pelicioli, Alex Ferranti

A relevância da educação financeira na formação de jovens
/ Alex Ferranti Felicioli - Porto Alegre, 2011.
136f.

Diss. (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) -
Fac. de Física, PUCRS.

Orientação: Prof. Dr. Maurivan Güntzel Ramos

1.Educação. 2. Educação Financeira. 3. Matemática –
Ensino Médio. I.Ramos, Maurivan Güntzel.

CDD 372.7

Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent
CRB 10/1297

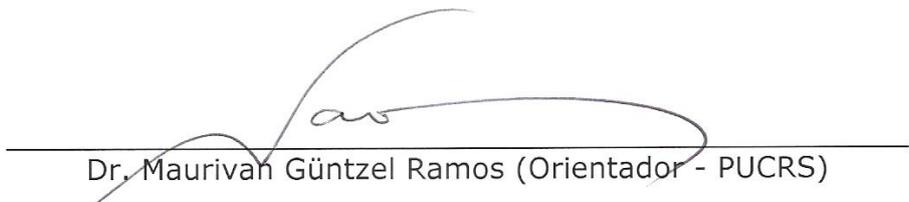
ALEX FERRANTI PELICOLI

A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA FORMAÇÃO DE JOVENS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Aprovado em 30 de março de 2011, pela Banca Examinadora.

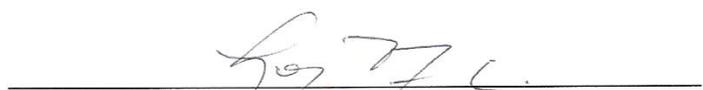
BANCA EXAMINADORA:



Dr. Maurivan Güntzel Ramos (Orientador - PUCRS)



Dra. Carmen Teresa Kaiber (ULBRA)



Dr. Lorí Viali (PUCRS)

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof^o Dr. Maurivan Güntzel Ramos

A minha esposa, Andrea

Aos meus pais, Assunta e Gentil

A Rossano Oltramari

“Quanto à vida dedicada a ganhar dinheiro, é uma vida forçada, e a riqueza não é, obviamente, o bem que estamos procurando: trata-se de uma coisa útil, nada mais, e desejada no interesse de outra coisa.”

(Aristóteles 2001, p. 22)

RESUMO

Esta dissertação descreve a investigação realizada sobre a importância da Educação Financeira na formação dos jovens. A pesquisa buscou respostas à seguinte pergunta: de que modo o ensino de Matemática pode contribuir para a Educação Financeira no Ensino Médio? Os dados empíricos foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas com alunos do Ensino Médio e com profissionais atuantes na área financeira. A análise desses dados contribuiu para mostrar a importância da Educação Financeira no ensino de Matemática no ensino médio. Desse modo, o objetivo principal deste trabalho é compreender as iniciativas pedagógicas na área de Matemática que podem ser colocadas em prática com a clara intenção de qualificar a aprendizagem dos estudantes em relação à Educação Financeira, preparando-os para o futuro. O trabalho possibilitou perceber a importância da Educação Matemática para a formação associada à visão econômico-financeira dos alunos para que exerçam plena cidadania e organizem sua vida financeira.

Palavras-chave: Educação, Matemática, Consciência Financeira, Educação financeira.

ABSTRACT

This text describes the research into the importance of financial education in youth training. The research sought answers to the following question: how the teaching of mathematics can contribute to financial education in high school? Empirical data were collected through semi-structured interviews with high school students and professionals in the financial area. Analysis of these data helped to show the importance of financial education in mathematics teaching in middle school. Thus, the main objective of this study is to understand the educational initiatives in the area of the Mathematics Education that can be applied with the clear intention of classifying the students' learning in relation to financial education, preparing them for the future. This study contributed to understand the importance of the Mathematic Education associated to economic and financial vision of the students to exercise full citizenship and to organize your financial life.

Key words: Education, Mathematics, Financial Awareness, Financial education.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	09
2 Contextualização e problematização da pesquisa	12
2.1 Problema e questões de pesquisa	15
2.2 Objetivo Central e objetivos específicos	15
3 Pressupostos teóricos	17
3.1 Educação matemática, democracia e cidadania	17
3.2 Economia, sociedade de consumo e Educação Financeira.....	23
3.3 Educação financeira no contexto da Educação Matemática	31
4 Procedimentos metodológicos da pesquisa	41
4.1 Abordagem da pesquisa e instrumentos de coleta de dados.....	41
4.2. Sujeitos da pesquisa	43
4.3 Procedimento de análise de dados.....	45
5 Resultados da pesquisa	47
5.1 Importância da Matemática para a Educação Financeira	47
5.2 Conhecimentos econômicos necessários no cotidiano	50
5.3 Investimentos e Planejamento Futuro	55
5.4 Papel da escola na Educação Financeira.....	58
6 Considerações finais	63
Referências	66
Apêndices.....	70
Apêndice A - Roteiro das entrevistas- Alunos.....	71
Apêndice B – Entrevista 1 – Aluno 1.....	74
Apêndice C – Entrevista 2 – Aluno 2.....	81
Apêndice D – Entrevista 3 – Aluno 3.....	86

Apêndice E – Entrevista 4 – Aluno 4.....	90
Apêndice F – Entrevista 5 – Aluno 5.....	95
Apêndice G – Entrevista 6 – Aluno 6.....	101
Apêndice H – Roteiro das entrevistas- Consultores financeiros	106
Apêndice I – Entrevista 7 – Consultor financeiro 1	109
Apêndice J – Entrevista 8 – Consultor financeiro 2	114
Apêndice K – Entrevista 9 – Consultor financeiro 3	120
Apêndice L – Termo de consentimento livre e esclarecido dos consultores financeiros	126
Apêndice M – Termo de consentimento livre e esclarecido dos pais dos alunos do Ensino Médio	130

1 INTRODUÇÃO

Hodiernamente, estamos envolvidos com finanças, seja no ambiente escolar, familiar ou profissional. Os conhecimentos acerca de consumo, economia, dívidas e juros apresentam-se na vida, de forma prática. Entretanto, questiona-se se a saúde financeira de cada um está bem ou pode estar sendo prejudicada em face da ausência de aprendizagem relacionada à cultura financeira.

Diante dessa realidade, analisam-se no presente trabalho aspectos financeiros relacionados direta ou indiretamente com a disciplina de Matemática. A educação financeira parece algo um pouco distante dos alunos mesmo com previsão nos currículos escolares brasileiros. Sobre isso, D'Aquino (2011, p.1), no artigo intitulado "E o que é Educação Financeira?" esclarece que "No Brasil, infelizmente, a Educação Financeira não é parte do universo educacional familiar. Tampouco escolar. Assim, a criança não aprende a lidar com dinheiro nem em casa, nem na escola". Dessa forma, vemos que a família não tem desempenhado bem este papel: o de transmitir uma cultura econômico-financeira, quiçá pelo fato de também não ter aprendido em bancos escolares, deixando para a vida lhes ensinar o melhor caminho financeiro.

As escolhas que são feitas ao longo do processo profissional refletem a consciência construída ao longo da aprendizagem escolar, pois, quando cientes, os indivíduos podem alcançar objetivos que almejam com maior facilidade. Nesse sentido, o conhecimento financeiro diz respeito ao fato de haver informações, formações e orientações, direcionadas ao futuro profissional, sendo a responsabilidade com as finanças uma consequência de ter-se presente a educação financeira no ambiente escolar, em particular na Educação Básica.

Com essa premissa, a pesquisa foi desenvolvida e aqui estão presentes, inicialmente, as análises relacionadas a aspectos teóricos como Educação Matemática e Cidadania, bem como a alguns conceitos indispensáveis de economia e sociedade de consumo. A educação financeira no contexto da Educação Matemática no Ensino Médio apresenta-se como uma proposta, com objetivos fundamentais nessa etapa da escolaridade.

Após o levantamento da literatura, realizou-se a investigação, numa abordagem qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas, as quais foram de grande valor para a compreensão do objeto de estudo, pois mostram a realidade dos alunos do Ensino Médio em relação ao tema, possibilitando conhecer suas visões acerca de finanças. O olhar de especialistas da área financeira, obtido por meio de entrevistas semiestruturadas, também se sobressaiu para a compreensão do tema. Isso proporcionou ao pesquisador, uma profunda reflexão a respeito de educação financeira atual.

Para que o indivíduo se torne um cidadão, é necessário agir e refletir sobre a ação, de modo que qualifique suas capacidades e promova o desenvolvimento da consciência sobre o que faz. Esse movimento pode ser implementado com atuações da escola em conjunto com ações governamentais, pois tais autoridades são responsáveis pela elaboração e aplicação de leis voltadas à formação das pessoas no sentido de sua cidadania. A formação, pelos indivíduos, de uma sociedade responsável, comprometida com o futuro, foi o que norteou a presente dissertação.

Em face disso, o trabalho está organizado do seguinte modo. O capítulo 2, intitulado *Contextualização e problematização da pesquisa* apresenta os objetivos da investigação, a partir do problema e das questões da investigação realizada.

O capítulo 3, *Pressupostos teóricos*, explicita os referenciais da dissertação, quais sejam: as ideias de Educação Matemática Crítica, com fundamento em Skovsmose (2006 e 2008); os princípios da Economia e da sociedade de consumo, principalmente apoiados em Hall (2009) e D'Aquino (2008); e a relação entre Educação Matemática e Educação Financeira, principalmente apoiada em D'Aquino (2008) e Marasini e Grandó (2006).

O capítulo 4, intitulado *Procedimentos metodológicos da pesquisa*, apresenta os procedimentos metodológicos da investigação, de natureza qualitativa. Na sequência, é discutida a entrevista semiestruturada como principal instrumento de coleta de dados. Após, são descritos os sujeitos da pesquisa e os procedimentos de análise dos achados.

O capítulo 5 trata dos *Resultados da Pesquisa*, os quais foram obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas com alunos do Ensino Médio e com profissionais da área financeira. Nesse capítulo são descritas as categorias que emergiram: Importância da Matemática na Construção da Consciência Financeira,

Conhecimentos Econômicos, Investimentos e Planejamento Futuro e o Papel da Escola na Educação Financeira.

O trabalho encerra-se com o capítulo das *Considerações Finais*, no qual constam as principais respostas ao problema de pesquisa, evidenciando-se que a Matemática merece estar vinculada à realidade para que se efetive no mundo social e, sobretudo, no mundo financeiro dos indivíduos. Defende-se também a ideia de que questões relacionadas ao mundo matemático-financeiro devam ser colocadas em prática pela escola. Além disso, é necessário promover alterações legislativas sobre o assunto, dentro da maior brevidade possível, almejando formar cidadãos capacitados financeiramente.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

Durante o processo educacional na Educação Básica, os estudantes têm que dar conta de muitas disciplinas, mas, em geral, dispõem de pouco tempo para refletirem sobre seu futuro e sobre a sua comunidade na perspectiva socioeconômica.

Por outro lado, é conhecido o uso que a sociedade faz de empréstimos, de compras em prestações mensais, de cartões de crédito e do cheque especial como recursos de complementação de seus rendimentos mensais, tornando possível adquirir bens de consumo. Como instrumentalizar as pessoas para isso? Um professor pode ter recursos financeiros como o de um profissional autônomo bem sucedido? Os alunos podem preparar-se para o mundo econômico, no qual estão inseridos? Generalizando, um cidadão pode preparar-se para um futuro economicamente promissor? Como a educação escolar, em especial, a disciplina de matemática pode contribuir para isso?

Este trabalho tem como objetivo promover a reflexão no sentido da busca de respostas afirmativas e propositivas a essas questões, com a inclusão da educação financeira nos currículos da Educação Básica, desenvolvendo com os futuros cidadãos uma lógica econômica e, conseqüentemente, um interesse nessa área.

Com as recentes crises internacionais, a sociedade, em geral, tem mostrado preocupações com os acontecimentos econômicos veiculados pelos meios de comunicação, sem, no entanto, visualizar possíveis soluções econômicas que os auxiliem numa possível perda de emprego ou crise econômica familiar.

Como funciona um banco? O que são juros simples e composto? Quanto de juros está embutido no total das despesas de um pagamento a prazo? Os estudantes aprendem a poupar? Aprendem a consumir? Como fazer investimento a longo prazo? Como formar um substrato econômico que se faça presente no crepúsculo da vida?

Esses questionamentos foram surgindo ao longo de minha atividade profissional. Sou professor de Matemática há vinte anos, com formação no curso de Licenciatura em Matemática, trabalhando com estudantes até a sua preparação para o processo seletivo de ingresso nas universidades. O conhecimento e a experiência

adquiridos ao longo da atividade docente permitiram-me perceber a ausência de uma Educação Matemática voltada aos conhecimentos práticos do cotidiano. Os educandos, geralmente, apresentam um parco preparo para enfrentar os problemas da sociedade. Aliado a isso, a Educação Financeira também não se faz presente nos currículos escolares, tanto que o governo federal editou, em dezembro de 2010, um decreto que instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira, segundo Sciarretta (2010). Essa é composta por uma série de iniciativas pedagógicas voltadas às escolas e a adultos objetivando erradicar o analfabetismo financeiro no país. Assim, de forma recente, o currículo escolar passa a ter em sua composição, a Educação Financeira. Com a finalidade de aliar a Matemática com a prática, eu senti, muitas vezes, dificuldades em assim fazer, pois os estudantes não estavam preparados para estabelecerem tais relações. No caso da aplicabilidade da economia na Matemática, eu percebia como era raro os alunos saberem como calcular os juros cobrados em um cartão de crédito, por exemplo. Além disso, percebia que o assunto Economia tampouco estava presente no ambiente familiar.

Assim, acreditando que o conhecimento escolar tem a função de formar cidadãos ativos em sua sociedade, e que isso não estava sendo praticado pelas escolas, passei a acreditar que pudesse realizar algo nesse sentido. Então, o presente estudo surgiu dessa possibilidade de analisar e poder estabelecer objetivos voltados para a inclusão da Educação Financeira nas escolas e nos currículos escolares.

Acima de tudo, em um país com extremas desigualdades sociais como o Brasil, a inserção da Educação Financeira no processo educacional, desenvolvido nas escolas, mostra-se uma medida urgente. Saliente-se que os instrumentos financeiros atuais são mais acessíveis aos jovens, comparando-se com gerações anteriores, sendo a tecnologia de informação a responsável por essa difusão. Isso evidencia a necessidade de políticas educacionais que visem a desenvolver competências mais qualificadas na área financeira.

O tema “Educação Financeira” já é trabalhado na área da disciplina de Matemática, mas, em geral, seu enfoque tem pouca aplicabilidade na vida cotidiana, principalmente o assunto relacionado ao consumo, à administração financeira e ao orçamento pessoal, esse último com abordagem quase nula. Em artigo intitulado “Controlar Finanças Pessoais Exige Muita Disciplina” (2009), o economista José Pio Martins afirma que o sistema educacional tem ignorado o assunto “dinheiro”. Além

disso, ele diz que os indivíduos passam praticamente 15 anos na escola (Ensino Fundamental, Médio e Universitário) e nesse tempo não recebem noções básicas a respeito de comércio, contratos, finanças ou impostos.

Salienta-se ainda a dimensão que a questão econômica adquiriu no século XXI, diante da Revolução Tecnológica na qual estamos inseridos. Com a facilidade de acesso a informações relacionadas à economia, essa passou a integrar o cotidiano das sociedades, principalmente, nas crises econômicas pelas quais passou ou passa o mundo de maneira geral. Assim, a pauta de “Economia” adquiriu relevante conotação no meio social. Como tais conhecimentos relacionados ao assunto também não são comumente discutidos no ambiente familiar, é pertinente investigar como pode a escola apresentar tais conhecimentos da área financeira e fazer-se presente de forma ativa na vida do aluno.

Segundo Vieira (apud GADOTTI, 2004, p. 252): “A educação é um fato de ordem consciente, sendo determinada pelo grau alcançado pela consciência social e objetiva suscitar no educando a consciência de si e do mundo.”.

Essa concepção é o ponto de partida do presente projeto.

Segundo Skovsmose (2006, p. 45):

[...] a educação matemática tem seu “currículo oculto”. Frequentemente é estipulado que a educação matemática tem funções importantes em relação ao desenvolvimento epistemológico geral dos estudantes. Enfatiza-se que os estudos matemáticos tendem a melhorar as habilidades dos estudantes na estruturação e resolução de problemas lógicos. Porém, os rituais da educação matemática vão em outra direção.

Na direção da “educação crítica” desse autor, defendemos a contextualização dos conteúdos de Matemática, reforçando conteúdos de caráter determinante do programa com uma aplicação na ordem social e cotidianamente vivida pelo aprendiz.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Médio (BRASIL, 2006), o enfoque da contextualização está presente, não como uma forma de “ilustrar” o enunciado de um problema, mas como um modo de dar sentido ao conhecimento matemático na escola. É na contextualização que o conhecimento com significado é construído pelo aluno, permitindo a identificação deste com as situações que lhe são apresentadas, permitindo que isso ocorra, não apenas em seu contexto escolar, mas no exercício de sua plena cidadania.

Em síntese, a proposta deste trabalho é valorizar a Educação Financeira como um tema a ser mais bem explorado no Ensino Médio, quiçá a partir do Ensino

Fundamental, pois reúne as condições preconizadas pelos autores citados e pelos próprios PCN, no sentido de aproximar a educação formal da realidade socioeconômica da sociedade.

2.1 Problema e questões de pesquisa

Frente a essa discussão, propõe-se o seguinte problema: ***De que modo o ensino de Matemática pode contribuir para a Educação Financeira no Ensino Médio?***

Explicitamente, as questões de pesquisa que integram esse problema são:

- o que os teóricos da Educação e da Economia pensam sobre a Educação Financeira?
- de que modo alunos de Ensino Médio da rede particular e pública da cidade de Porto Alegre/RS percebem e vivenciam a Educação Financeira?
- de que modo profissionais do mercado financeiro percebem a importância da Educação Financeira para os jovens?
- que propostas podem ser feitas para a realização de ações voltadas ao desenvolvimento de uma consciência financeira no ensino médio?

2.2 Objetivo central e objetivos específicos

O objetivo central da pesquisa pode ser assim explicitado: ***justificar o modo como o ensino de Matemática pode contribuir para a Educação Financeira no Ensino Médio***

Para atingir esse objetivo, pretende-se:

- identificar os posicionamentos dos teóricos da Educação e da Economia sobre a Educação Financeira;
- compreender a percepção e as vivências dos alunos do Ensino Médio de escolas da rede particular e pública da cidade de Porto Alegre/RS sobre Educação Financeira;

- compreender a percepção dos profissionais do mercado financeiro em relação à importância da Educação Financeira para os jovens;
- propor alternativas para a realização de ações voltadas ao desenvolvimento de uma consciência financeira no ensino médio.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo apresentam-se três focos teóricos: uma discussão relacionando Educação Matemática, democracia e cidadania; conceitos da Economia e sociedade de consumo; e uma discussão sobre a Educação Financeira no contexto da Educação Matemática. Esses textos têm por objetivo sustentar teoricamente os argumentos que serão apresentados em prol de uma Educação Financeira e do desenvolvimento de uma consciência financeira, no âmbito da Educação Básica.

3.1 Educação Matemática, democracia e cidadania

De acordo com o preconizado por Skovsmose (2006), se o sistema escolar não incluir atividades democráticas como elemento essencial do processo educativo não se terá o desenvolvimento da sociedade democrática. Em outra obra, o autor (SKOVSMOSE, 2008) afirma que a Educação Matemática Crítica caracteriza-se em termos de diferentes preocupações. Uma das preocupações do autor é o desenvolvimento da '*materacia*', a qual "não se refere apenas a habilidades matemáticas, mas também à competência de interpretar e agir numa situação social e política estruturada pela Matemática", (SKOVSMOSE, 2008, p.16). Esse termo também é usado por D'Ambrosio (1999).

Mesmo tendo aspectos diferenciados, os significados que D'Ambrosio e Skovsmose apresentam para o termo *materacia* se aproximam por possuírem como característica básica a intenção de ação. Se para Skovsmose a *materacia* possui implicitamente um tipo de competência de ação, para D'Ambrosio, ela irá resultar em algum tipo de inferência por parte dos alunos. Enquanto a primeira abordagem visa à emancipação cultural e social, a segunda almeja a uma postura intelectual. (PASSOS, 2008, p.8)

Para Skovsmose (2008), o desenvolvimento da Educação Matemática deve ser o suporte da democracia, importando que as microssociedades de sala de aula devam mostrar aspectos da democracia. Além disso, o cenário

para investigação é aquele, segundo o autor, que pode dar suporte a um trabalho de investigação e no cenário para investigação encontra-se o convite aos alunos para formulação de questões e a procura de explicações.

Afirma-se, assim, que as práticas de sala de aula fundamentadas num cenário para investigação são diferentes daquelas baseadas em exercício. O “roteiro de aprendizagem”, nos referidos cenários, é a maneira como os alunos realizam suas explorações e podem apontar, formular questões, pedir ajuda. Assim, quem percorre o cenário de aprendizagem são os alunos. Salienta Skovsmose (2008) que nas entidades matemáticas podem ser encontrados cenários para investigação. E, finalmente, o envolvimento dos participantes é essencial no processo investigativo, o qual não deve ser realizado de forma compulsória, e os resultados não podem ser determinados de modo antecipado.

De acordo com Skovsmose (2006), podemos encontrar três alternativas associadas à Educação Matemática: o estruturalismo, o pragmatismo e a orientação ao processo.

O estruturalismo, segundo Skovsmose (2006, p. 21) caracteriza-se pelo fato de que “o conhecimento dos estudantes tem que ser construído de acordo com estruturas e conteúdos identificados independentemente dos estudantes”. Isso representa uma negação à ideia de competência crítica, que é um dos pontos-chave da Educação Crítica preconizada por Skovsmose. Assim, a estrutura prevalece sobre outros elementos, principalmente as experiências dos alunos.

O pragmatismo em Educação Matemática, por sua vez, encontra-se mais fundamentado nas aplicações advindas do que a Matemática pode trazer ao aluno. O propósito é a orientação a problemas. Mas, saliente-se que para a Educação Crítica de Skovsmose, os problemas devem se relacionar com situações e conflitos sociais fundamentais, e o aluno deve saber identificar tais problemas como os seus próprios. Tem-se, nesse caso, a importância da aplicabilidade da Matemática, sendo relevante relacioná-la com a sua utilização no cotidiano dos alunos.

E a orientação ao processo revela-se como a terceira tendência encontrada na Educação Matemática. Aqui, a essencialidade da matemática encontra-se nos processos de pensamento que levam ao *insight* matemático.

Então, oportunizar aos alunos possibilidades de reinvenções torna-se o interesse principal da Educação Matemática. Percebe-se, desse modo, que a integração entre a Educação Matemática e a Educação Crítica torna-se um imperativo.

No que concerne à democracia, deve-se atentar para o fato de que esta se relaciona com a competência presente na sociedade, mas não sendo somente aspectos referentes a direitos e deveres. De acordo com Skovsmose (2006) há duas diferentes formas de se estabelecer aspectos relacionados à competência, quais sejam: aquela ligada à capacidade que os governantes possuem para agir através da tomada de decisões e aquela que possibilita o julgamento pelos indivíduos sobre as tomadas de decisões dos referidos governantes. São denominadas, respectivamente de competência de governação e competência democrática.

A democracia representativa traduz a competência democrática, sendo esta considerada um predicado da maioria dos cidadãos. Para que a soberania seja incumbida a outrem, a sociedade necessita possuir determinados conhecimentos os quais revelam a sua competência. Assim, essa competência representa um elo do cidadão com a sociedade.

De acordo com Skovsmose (2006, p. 38), “estudantes e professor devem estabelecer uma distância crítica do conteúdo da educação”. Dessa maneira, aqueles princípios objetivos e neutros para estruturar um currículo necessitam ser investigados e avaliados. O que não se pode esquecer é que a educação precisa ser orientada para problemas direcionados para fora da sala de aula.

Com muita propriedade, Skovsmose (2006) estabelece uma relação entre Educação Matemática e democracia, usando dois argumentos. O primeiro é sintetizado por ele como o social da democratização, no qual se tenta identificar um assunto de grande valor da educação por meio de reflexões sobre possibilidades para construir e aperfeiçoar as instituições democráticas para, com isso, melhorar o conteúdo da educação.

Encontramos três declarações associadas ao argumento social da democratização. Primeiramente, a aplicação da Matemática dá-se nas mais diversas áreas, como na Economia (macroeconomia e microeconomia), no planejamento industrial, em formas de gerenciamento, dentre outras. Dentro

desse contexto, salienta-se que as escolas dificilmente apresentam exemplos ilustrativos de aplicações reais. Aparecem pseudo explicações, como afirma Skovsmose (2006, p. 40):

Por causa de suas aplicações, a matemática tem a função de “formatar a sociedade”. A Matemática constitui uma parte integrada e única da sociedade. Ela não pode ser substituída por nenhuma outra ferramenta que sirva a funções similares.

Note-se que o entendimento das funções de aplicações da Matemática faz-se necessário para que seja possível o exercício dos direitos e deveres democráticos. Nesse sentido, o argumento social da democratização relaciona as aplicações da Matemática e a importância da atividade de construção de modelos matemáticos.

A tendência pragmática na educação diz respeito ao fato de que os alunos devem aprender sobre a construção de modelos, sendo que esta somente se perfaz quando eles, efetivamente, constroem modelos. Assim, supõe-se que o melhor caminho para aprender seja fazendo. Acrescente-se a isso o fato de que a tendência pragmática de Matemática é construída sobre a suposição filosófica de que a Matemática é útil.

O segundo argumento da democratização é o pedagógico, devendo ser interpretado de forma abrangente, olhando-se, dessa vez, para dentro do processo educacional, pois nesse processo os estudantes recebem uma imensa variedade de impressões, no entanto há uma lacuna entre o assunto que é ensinado e o que é aprendido.

Também os estudos matemáticos inclinam-se no sentido de melhorar as habilidades dos estudantes relacionadas à resolução de problemas lógicos, no entanto, os rituais da Educação Matemática vão em outro sentido. A Educação Matemática torna-se um implemento em relação à tecnologia. O gerenciamento de problemas tecnológicos pode não ser aprendido pela incapacidade de algumas pessoas. Os estudantes incapazes de aprender tornam-se servis em relação às questões tecnológicas e, conseqüentemente, em relação àqueles que podem lidar com tais questões. Essa incapacidade pode ser percebida em locais diversos e, frente a isso, percebe-se que esse processo de dependência é constante e precisa ser dissolvido.

Acrescenta Skovsmose (2006) que exercitar direitos e deveres democráticos na sociedade relaciona-se não somente às estruturas

democráticas formais institucionalizadas, mas também à atitude democrática individualmente construída.

Por derradeiro, torna-se necessário salientar o que diz Skovsmose sobre o educador matemático crítico, citado por D'Ambrosio (2007, p. 176):

Eu estou interessado no possível papel da educação matemática como um porteiro, responsável pela entrada de pessoas, e como ela estratifica as pessoas. Eu estou preocupado com todo discurso que possa tentar eliminar os aspectos sociopolíticos da educação matemática e definir obstáculos de aprendizagem, politicamente determinados, como falhas pessoais. Eu estou preocupado a respeito de como o racismo, sexismo, elitismo poderiam operar na educação matemática. Eu estou preocupado com a relação entre a educação matemática e a democracia.

Em relação à cidadania, consta no dicionário Houaiss que é “qualidade ou condição de cidadão”, “condição de pessoa que, como membro de um Estado, se acha no gozo de direitos que lhe permitem participar da vida política”. Entretanto esse conceito não pode ser considerado estanque, uma vez que seu significado adquire conotações diversas dependendo do período histórico dentro do qual se insere. Nesse sentido, na Grécia, Aristóteles (s.d., p. 59) elucida: “Disso resulta claramente que o cidadão não é o mesmo em todas as formas de governo; e que, por isso, é na democracia, principalmente, que ele se adapta à nossa definição”. A seguir, segue e conceitua, de sua forma, o que é um cidadão: “aquele que tem uma parte legal na autoridade deliberativa e na autoridade judiciária”. Também elucida que o cidadão seria aquele filho de pai e mãe cidadãos. E que, além disso, cidadão seria o homem investido de certo poder. Quando aborda aspectos das formas de governo, Aristóteles esclarece que o princípio fundamental desta é a liberdade e que uma das características fundamentais da liberdade é que os cidadãos obedeçam e mandem de forma alternativa. Pode-se perceber que a participação ativa era um elemento essencial na cidadania grega. Essa cidadania compreendia tão somente direitos políticos, pois envolvia participação nas decisões sobre a coletividade.

Ao longo da Idade Moderna, encontram-se concepções de cidadania que perpassaram o Iluminismo, e culminaram com o Estado de Direito na Idade Contemporânea. Bobbio, citado por Martinez (2010) afirma que Estado de Direito é entendido como a fase em que houve a necessária positivação do chamado direito natural, mas com uma substancial defesa dos direitos

individuais. Não se pode olvidar que é necessária a transformação desses direitos em direitos juridicamente protegidos. Assim, a principal característica do Estado de Direito é a de que todos têm direitos iguais perante a Constituição. Assim, o Estado deve proteger o indivíduo para que este possa exercer seus direitos de forma igualitária, inserido na sociedade em que se encontra. Há, como se percebe uma mudança na definição de cidadania, a qual passa a ser considerada a participação de todos em busca de benefícios sociais.

Saliente-se que esses direitos do cidadão - que devem ser protegidos - são amplos, tais como o direito à liberdade de expressão, à saúde, à educação, ao trabalho, estabelecidos na Constituição Federal do Brasil. Assim, bem mais do que a conceituação de cidadania, deve-se saber que esta se vincula ao exercício desses direitos, além de deveres, na prática. E não são apenas direitos políticos, abrangendo direitos sociais, dentre outros. Então, mister faz-se aos indivíduos saberem definições ligadas à cidadania para que a democracia seja atingida, uma vez que esta se perfectibiliza com a participação dos cidadãos. Se estes não sabem exatamente que direitos possuem, nada poderão fazer, estabelecendo-se frustrada a democracia.

Segundo Skovsmose (2008, p. 93), a cidadania pode ser interpretada, em sentido abrangente, como “participação, tanto formal quanto informal, em qualquer tipo de sociedade”. O elemento essencial é a participação dos elementos que se inserem na sociedade. O referido autor esclarece que a cidadania crítica contém a potencialidade do desafio frente à autoridade constituída, levando uma oposição a quaisquer decisões julgadas inquestionáveis. Significa dizer que cidadania crítica contribui para a formação consciente do indivíduo, uma vez que torna este apto aos questionamentos sociais.

Vaidergorn (2000) afirma que a cidadania vincula-se diretamente à educação. Tal relação nasce na construção do Liberalismo como doutrina social e política.

A educação escolar destaca Palma Filho (1998, p. 104), “está a serviço de um determinado tipo de cidadania, e que é a pedra de toque do controle social e econômico”. Para ele, pode a cidadania contribuir, pois, para a formação de um indivíduo crítico/reflexivo. Dessa forma, salienta Palma Filho

(1998, p. 105) que “os ideólogos da Revolução Francesa consideram a construção da cidadania passando obrigatoriamente pela edificação do Estado educador”. E a burguesia, naquele momento histórico, estava consciente da impossibilidade de se dissociar a cidadania do processo educativo. Assim, a educação adquire grande relevância política, segundo Palma Filho (1998). Destaca-se, assim, a educação como elemento para a construção da cidadania, que faz parte da sociedade democrática.

Em síntese, pode-se afirmar que a democracia faz-se presente quando se está diante de uma sociedade consciente de seus direitos e, mais do que isso, quando esta se torna participativa. Para atingir um grau de participação ativa necessária é a educação, vez que transforma o indivíduo em ser atuante na busca por seus direitos.

Além disso, percebe-se que desenvolvimento da Educação Matemática, como defende Skovsmose, deve ser o suporte da democracia. Destaca-se a competência para que haja interpretação e ação em situações sociais e políticas estruturadas pela Matemática. Acima de tudo, dar oportunidades aos alunos de reinvenções reflete o espírito da Educação Matemática. Essas reinvenções podem trazer mudanças significativas à sociedade, porquanto conduzem a uma cidadania crítica que torna o indivíduo capaz de atuar de forma bem definida quando encontra fatores que não o satisfazem plenamente.

3.2 Economia, sociedade de consumo e Educação Financeira

A palavra economia tem o significado etimológico de “administração da casa” (*oikos* = casa), sendo que se pode depreender que esta não é apenas o ambiente onde se desenvolve o trabalho, mas também a própria casa onde se vive. Assim, parece lógico que a administração é uma atividade a ser desenvolvida em qualquer local. Entretanto, constata-se que a atuação do administrador aparece mais nas empresas privadas, bem como nas públicas. Esquece-se de que gerir um patrimônio, seja ele de que tamanho for, alcança esferas também familiares. A gestão de negócios faz parte da instituição

familiar uma vez que os gastos são constantes, tornando-se uma função a ser desempenhada com disciplina e responsabilidade.

O aspecto econômico revela-se, assim, em cada indivíduo, na forma como ele faz suas escolhas, como bem salienta Hall (2009). Então se percebem atitudes que revelam o desconhecimento econômico em virtude da não existência de um planejamento econômico particular. A economia, além de fazer parte de uma cultura, influencia a vida das pessoas.

Quando se está diante de uma economia de mercado – a qual se realiza na época presente na maior parte do mundo – o aspecto financeiro é muito valorizado, criando vícios de acúmulo do supérfluo. Como consequência encontra-se a deformação de valores pessoais e a transformação de tudo em mercadoria, colocando-se o aspecto consumista como elemento primordial da felicidade. A vulnerabilidade ao consumo emerge de forma árdua incentivada pela propaganda consumista.

Pode-se afirmar, como assim o faz a Campanha da Fraternidade Ecumênica¹, que há inversão de valores quando a pessoa existe para a economia e não o contrário. Também a referida Campanha enfatiza que a economia deve estar a serviço das pessoas.

Acima de tudo, uma das prioridades políticas é a economia. Assim, conforme salienta a Campanha da Fraternidade Ecumênica², “as políticas econômicas devem atuar no sentido de proteger a vida e a dignidade da pessoa humana”.

Nesse sentido, deve-se enfatizar que a dignidade da pessoa humana é um dos princípios fundamentais previstos constitucionalmente, conforme prevê a Constituição Federal Brasileira, nos seguintes termos do art. 1º, inciso III:

A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: [...] III - a dignidade da pessoa humana. (BRASIL, 1988)

Percebe-se, assim que políticas econômicas necessitam ser implementadas no sentido de cumprir essa cláusula geral de tutela e promoção

¹ CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA. Texto-Base. Brasília, Edições CNBB. 2009 Disponível em: http://www.edicoescnbb.com.br/site/files/downloads/texto_base_CFE2010_web.pdf, acesso em 21/04/2010.

² Campanha da Fraternidade Ecumênica, p. 21.

da pessoa humana, uma vez que a dignidade é o "valor máximo" de nosso ordenamento jurídico. Todas as esferas governamentais devem pôr em execução ações no sentido de cumprir o que foi preconizado legalmente.

No entanto, para lidar com finanças deve-se perceber que não há um só modo correto. Há vários, consoante D'Aquino (2008), tornando-se relevante a capacidade de perceber qual modelo ajusta-se melhor a cada interesse e, acima de tudo, capacidade de construção de estratégias para alcançá-lo.

Acrescente-se que os bens e serviços oferecidos pelo governo a uma sociedade derivam, fundamentalmente, dos impostos que são arrecadados em todas as esferas da administração pública (federal, estadual e municipal). O Estado administra os recursos provenientes dessas esferas os redistribui conforme prevê a legislação brasileira.

Nesse sentido, cabe ao Estado oferecer serviços para os cidadãos com recursos advindos do recolhimento de impostos. Esses serviços são denominados de serviços públicos, tais como fornecimento de energia elétrica e prestação de atividades nos hospitais e nas escolas. No caso em tela, estão sendo abordados esses serviços, contudo salienta-se que também existem na sociedade os serviços que o Estado concede a setores privados para que desenvolvam suas atividades, como, por exemplo, estabelecimentos comerciais e industriais.

Os indivíduos, na maioria das vezes, não têm conhecimento sobre como os valores que pagam ao Estado são efetivamente aplicados. Dentre os serviços essenciais, não há serviço, no Brasil, que satisfaça plenamente as necessidades básicas da população, mesmo os considerados essenciais, tais como a saúde, a educação e a segurança pública. Verifica-se a situação de ausência de interesse por parte da população, a qual não acredita mais em tais serviços a ponto de ter de pagar de forma particular para dispor dos mesmos. E àqueles que não dispõem de recursos suficientes para proceder de forma autônoma restam dispor de serviços de baixa qualidade – quando oferecidos pelo Estado. Isso reflete o estado de alheamento em que a população brasileira se encontra.

Saliente-se que em alguns países, como a França, por exemplo, o imposto, pago pelo contribuinte, é claramente exposto junto ao preço da

mercadoria, de modo que o consumidor sabe quanto é a parcela de imposto e a parcela de valor real da mercadoria.

No Brasil, essa situação não ocorre, pois o valor do imposto em si, já está incluído dentro do preço da mercadoria. Encontra-se, às vezes, dependendo do produto, apenas o percentual da mercadoria que se paga em impostos, em uma nota fiscal de compra e venda. Mesmo assim, muitos não sabem que esse percentual está impresso na nota fiscal. Dessa forma, o consumidor brasileiro não tem noção da carga de impostos que incide sobre os produtos por ele adquiridos. A Constituição Federal, por sua vez, prevê que o consumidor tem o direito de saber quanto paga de impostos sobre cada bem adquirido. Entretanto, isso não é respeitado, conforme se percebe no artigo intitulado “Sem impostos, preço de produtos cairia até 83%”, no qual o tributarista Vladimir Rossi Lourenço - diretor tesoureiro do Conselho Federal da Organização dos Advogados do Brasil – informa que “ao comprar uma camisa, por exemplo, não se tem ideia do tamanho da carga tributária incidente sobre o produto”. E acredita ainda que não haja interesse do Governo nessa regulamentação, em razão de que, com isso, haveria a demonstração de todas as mazelas e todos os seus problemas, ao elencar o montante de impostos que cada contribuinte paga.

É relevante, pois, que haja uma maior consciência a respeito desse ponto pelos brasileiros, afinal exatamente com os valores arrecadados é que o governo deve aplicar na melhoria da sociedade. Se a gestão de recursos públicos fosse mais eficiente, não se precisaria de uma carga tributária tão grande.

O imposto que representa a principal fonte de receita tributária dos Estados é, segundo Dino (2010), o Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços, sendo que pode atingir 90% do total arrecadado. Esse imposto é de competência dos Estados e do Distrito Federal, tendo sua previsão no art. 155, I, “b” da Constituição Federal de 1988, que também estabeleceu limitações a essa competência, fixando os princípios norteadores da atividade tributária.

Essa consciência econômica poderia ser despertada na própria escola, uma vez que no ambiente familiar, tais conhecimentos apresentam-se ausentes, em razão de também não terem os pais sido conscientizados sobre a essa informação, por assim dizer, econômica.

Quando Kiyosaki e Lechter (2000, p. 22) abordam a questão do ensino a respeito das finanças pessoais, afirmam:

O dinheiro não é ensinado nas escolas. As escolas se concentram nas habilidades acadêmicas e profissionais, mas não nas habilidades financeiras. Isso explica por que médicos, gerentes de banco e contadores inteligentes que tiveram ótimas notas quando estudantes terão problemas financeiros durante toda a sua vida.

É evidente, que isso não pode ser generalizado desse modo, mas pode ser verdade em muitos casos.

Por outro lado, a Organização Mundial da Saúde (OMS), por sua vez, de acordo com o artigo *Educação Financeira em Pauta*, “incluiu a expressão ‘saúde financeira’ na lista de itens que colaboram para a saúde individual”. Assim, a saúde financeira deve ser desenvolvida para que seja plenamente mantida com o passar dos anos. A qualidade de vida é reflexo daquilo que fazemos com o nosso trabalho e, conseqüentemente, com o que conseguimos, de forma efetiva, economizar. Aquele que tem um planejamento a longo prazo e estabelece metas para seus investimentos, provavelmente terá mais segurança e possivelmente mais tranquilidade econômica.

Também cabe considerar que o Brasil passou por uma instabilidade monetária nos últimos 60 anos, tendo, como reflexo, a mudança de sua moeda inúmeras vezes, conforme salienta D’Aquino (2008), e resultando em conseqüências ainda hoje. A geração dos adultos de hoje sentiu no passado a instabilidade econômica e traz consigo, ainda, o receio da volta da inflação. Assim, o planejamento financeiro em uma sociedade dominada pela elevada inflação era praticamente inconcebível. Outro efeito da elevada inflação no Brasil, como D’Aquino (2008) afirma, é a carência de uma educação financeira na formação do indivíduo. Mostra-se, com isso, o grande esforço que os pais de hoje devem fazer para educar seus filhos em aspectos relacionados à economia e às finanças.

A ausência de um planejamento econômico a curto e médio prazo no contexto familiar decorreu da instabilidade econômica com altas taxas inflacionárias. E a longo prazo nem se poderia acreditar ser possível no ambiente doméstico.

O planejamento tornou-se possível à medida que o Brasil adquiriu estabilidade em sua moeda, fato ocorrido em meados da década de 1990. E,

essa estabilidade devolveu aos brasileiros a possibilidade de planejar seus futuros econômicos.

O planejamento diz respeito não somente a aspectos de curtíssimo prazo, mas também à organização de planos de previdência e à administração de alguma forma de poupança, esta objetivando a compra de um determinado imóvel, por exemplo.

A queda do poder aquisitivo da população ocorre quando a inflação está presente, assim, o dinheiro perde seu valor a cada dia que passa, e com aquilo que se recebe num mês não é possível comprar o mesmo que se comprou no mês anterior, conforme explica Hall (2009).

Além disso, conhecer a moeda de cada região é indispensável para a educação formal do jovem a respeito da economia de seu país. A manipulação com as cédulas torna-se primordial num processo de aproximação do indivíduo com aquilo que representa o valor já estabelecido como o oficial na circulação dos bens e serviços num sistema capitalista.

A questão relacionada ao aspecto financeiro que demonstra a capacidade de alguém em consumir parece ser a tônica do mundo atual. Com frequência se encontram valores invertidos quando nos defrontamos com o consumismo exibicionista. Aquilo que o indivíduo representa economicamente diante da sociedade atual torna-se mais relevante do que efetivamente aquilo que ele faz para alcançar seus méritos econômicos. Estamos num momento de ostentação de riquezas, sendo estas as responsáveis pelo aparente sucesso profissional de alguém.

Os assuntos financeiros não são fáceis de serem discutidos quando nos reportamos aos âmbitos familiares e escolares. Alguns aspectos merecem ser aqui apresentados, conforme preleciona D'Aquino (2008). No ambiente familiar, saliente-se, o consumo e o afeto confundem-se ocasionando lacunas quanto ao aspecto econômico. Além disso, encontra-se prazer no ato de consumir, restando a identificação de consumo com momentos de prazer. Dessa forma, encontram-se poucos diálogos racionais quando se adentra nessa esfera de consumo.

Deve-se atentar que o ato de comprar pode estar associado à necessidade, pois seria esse o objetivo de quando se precisa de algo que não se possui e os recursos financeiros são capazes de satisfazer.

D'Aquino (2008) sugere que uma das formas para aproximar as crianças e os adolescentes do planejamento familiar é dar a elas a responsabilidade na hora da realização das compras em um supermercado, de modo que elas saibam adquirir os produtos que foram previamente anotados em uma lista. Assim sendo, pode-se notar o interesse a ser despertado já na infância, dentro do ambiente familiar, sobre aspectos associados ao consumo e à economia.

Ainda, consoante D'Aquino (2008), o fato de elencar prioridades do uso do dinheiro pela família é uma forma didática de ensino do aspecto econômico no ambiente familiar. Dessa forma, os pais não podem apenas negar o consumo ou simplesmente criar situações de constrangimento por meio de chantagens com seus filhos para que fiquem convencidos de que aquele momento não é oportuno ao consumo. O consumo infantil deve coadunar-se com as possibilidades reais de renda da cada família, afinal esta é específica de cada unidade familiar. Resta, assim, à família estabelecer o diálogo com os menores a respeito das suas condições econômicas.

Percebe-se que o consumo responsável deveria iniciar dentro do ambiente familiar, sendo que este seria o local-base para as conversas iniciarem sobre as despesas feitas semanalmente. A noção de solidariedade seria também desenvolvida à medida que haveria envolvimento dos membros familiares nas questões econômicas.

Adverte D'Aquino (2008) que os pais devem participar da educação financeira dos filhos com explicações em linguagem acessível, a começar pela orientação sobre a natureza do trabalho que executam.

Importa considerar também que as necessidades básicas da vida moderna fazem-se presentes cotidianamente, sendo a moradia a despesa prioritária e uma das mais elevadas, tanto quando se refere ao pagamento da casa própria de forma financiada como quando se refere ao pagamento de aluguel.

O momento da compra traduz uma espécie de escolha diante de possibilidades comercializáveis disponíveis no mercado. A escolha está presente no ato de consumo, uma vez que se deve optar entre uma mercadoria ou outra. Isso decorre das inúmeras disponibilidades colocadas à venda em sistemas mercadológicos.

Saliente-se que o desejo infantil de aquisição deve ser controlado, não importando o valor daquilo que está sendo alvo de consumo. Dessa forma, convém que os pais não sejam imediatistas compradores, fazendo com que o ato de compra seja feito na hora exata da necessidade e não tão somente no instante do desejo.

A habilidade de economizar deve ser estimulada para que, desde cedo, as crianças e os adolescentes valorizem os recursos econômicos adquiridos. O ato de fazer economia no consumo traduz-se como verdadeira forma de valorizar seus recursos econômicos. A criança e o adolescente, muitas vezes, que tem a sua disposição alguns valores recebidos a título de mesada, não tem isso como prioritário porque exatamente dispõe de dinheiro e pode fazer o que lhe convier. Entretanto, os pais normalmente concedem os valores sem ajustar onde e como podem seus filhos gastar tais quantias. Assim, para que irá uma criança ou um adolescente dignar-se a economizar se no mês seguinte sabe que ganhará novamente? As noções de poupança parecem ser, a priori, essenciais nessas circunstâncias entre pais e filhos. É conveniente que haja um entendimento, ao menos inicial, sobre o “poupar”, para que as crianças e adolescentes possam estabelecer suas prioridades a partir do dinheiro que possui. Deve haver perseguição de objetivos plausíveis quando se está poupando.

As questões relacionadas à remuneração e ao trabalho dos elementos da família poderiam ser abordadas nesse ambiente pelos pais. Começar por essa parte pode ser um passo inicial na educação financeira dos filhos.

Diante dessas circunstâncias, pode-se perceber que o fato de querer não se traduz necessária e obrigatoriamente em poder adquirir determinado produto o qual está exposto à venda. Hoje é quase obrigatória a visualização dos produtos alvo de consumo, dispostos nos centros de consumo de forma extremamente estratégica, havendo inclusive estudos mostrando como usar da distribuição destes de forma mais eficaz para despertar o “querer” comprar.

Saliente-se que a consciência financeira deve considerar prioritariamente a necessidade em relação ao desejo. O desejo, habitualmente, está acima da necessidade, uma vez que a educação relacionada às finanças não se faz presente. Deve, então, conforme Hall (2009, p. 40), a consciência financeira considerar prioritariamente a necessidade em relação ao desejo.

Afirma ele ainda que o consumo daquilo que é considerado luxo é posterior ao consumo daquilo que se considera fundamental para a sobrevivência. Essa parece ser uma lógica, mas muitas vezes não é seguida, sobrepondo-se o luxo à necessidade em circunstâncias mais inusitadas possíveis.

Quanto às formas de pagamento, em uma sociedade com estabilidade econômica, quando a inflação está controlada, percebe-se uma imensa gama de formas de efetuar as prestações, como cartões de crédito, débito em conta corrente, além do tradicional documento para pagamento em parcelas impresso. Nesse sentido, adverte D'Aquino (2008) que o uso do cartão de crédito por parte das crianças e dos adolescentes deve ser controlado, uma vez que tal uso já se encontra disseminado entre elas.

Cabe assinalar que há muitas situações na realidade brasileira nas quais as famílias e os adolescentes não têm acesso ao dinheiro, ou ele é bastante restrito. Esses sujeitos vivem na faixa da miséria e conseguem sobreviver apenas com o que lhes dão ou com o que o Governo oferece. Há situações, nas quais as próprias crianças e jovens obtêm os recursos pela doação obtida nas ruas e gerenciam a sua vida com esses raros tostões. Como tratar de poupança e de racionalização das economias nessas situações? Isso deixa evidente que este estudo fica contextualizado e delimitado nas situações reais, nas quais as famílias estão inseridas no grupo produtivo e no mundo do trabalho, com condições pessoais de sobrevivência.

3.3 Educação Financeira no contexto da Educação Matemática

Inicialmente, cabe assinalar que as publicações e pesquisas relacionadas ao tema Educação Financeira integrada à Educação Matemática, principalmente no cenário brasileiro, são escassas. O que se encontra são obras ligadas à área econômica e da administração ou da gestão financeira pessoal e familiar, não havendo interligação com ambiente escolar. Some-se a isso à carência do tema nos livros de Matemática de Ensino Médio, que, geralmente, apresentam tão somente o que determina o currículo escolar. Assim, o conteúdo financeiro está inserido, de forma tênue em capítulos com abordagem relativamente superficial.

A Educação Financeira, conforme D'Aquino (2008), tem como função criar bases para uma relação saudável, equilibrada e responsável com o dinheiro na vida das crianças e dos adolescentes. Acima de tudo, esse relacionamento com o dinheiro deve ser iniciado já na infância. Neste tipo de tratamento, com relação ao ganho e ao uso dos recursos econômicos, de acordo com D'Aquino (2008), o espírito ético e a responsabilidade social precisam estar presentes. Desse modo, nota-se a relevância desse espírito como elemento norteador da Educação Financeira para o uso do dinheiro.

Em se tratando da eficácia da Educação Financeira, D'Aquino (2008) refere que é importante levar em consideração três aspectos: a perspectiva de longo prazo, a consistência de mensagem e a repetição. Detendo-se na questão “tempo”, ou seja, na perspectiva de longo prazo, a deferência é aqui destacada, afinal o fator financeiro desenvolve-se para ser empregado ao longo dos anos, independentemente do local onde se encontram os indivíduos.

No sistema capitalista, no qual nos encontramos inseridos, a questão da satisfação imediata dos desejos faz-se presente. É uma mentalidade que se desenvolveu ao longo do tempo, na medida em que o comércio alastrou-se como mecanismo desse sistema capitalista. Assim, a disposição de mercadorias em inúmeros centros de compra representa exatamente esse ideal. Em virtude disso, as crianças e os adolescentes estão acostumados a ir a esses locais – sem necessidades precípuas – e terminam por consumir inadvertidamente.

A tolerância das frustrações ao longo da infância e da adolescência é importante não só para driblar as armadilhas cotidianas do consumo nessas faixas etárias, adverte D'Aquino (2008, p. 19), mas também para fundamentar “a criação de adultos capazes de conviver com os limites da vida em sociedade, já que ninguém pode fazer tudo o que bem quer”.

Salienta-se sobremaneira o fato de a educação financeira desenvolver o conhecimento e a aptidão para a cidadania, conforme aborda Savoia (2007). No que tange à cidadania, não se pode olvidar que essa não é expressa apenas por meio de participação ou de votação. Acima disso, “cidadão abrange a condição de ver-se e fazer-se respeitar ao outro e a si mesmo como sujeito de um processo de vida” (MEDEIROS, 1999, p. 43). Muitas vezes, o jovem não

tem a exata dimensão do que é ser cidadão, exatamente pelo fato de não a ter vivenciado na escola.

Em várias regiões do mundo, encontram-se processos educacionais que já incluem em seus currículos escolares a Educação Financeira, até mesmo de forma autônoma em relação às demais disciplinas. Desde o ano 2000, a disciplina Educação Financeira é oferecida na Inglaterra em algumas escolas, não sendo obrigatória, porém apresenta uma boa aceitação junto à comunidade inglesa, conforme artigo “Educação para o Consumo”, de Borba (2011).

Em dezembro de 2007, uma Comissão da União Europeia apresentou argumentos considerando a Educação Financeira fundamental na educação das pessoas, visando à constituição de um mercado único, consoante artigo intitulado “Educação Financeira” (2011). Nessa seara, a referida Comissão apresentou comunicação destinando-se a definir os princípios de base para programas nacionais de educação financeira. Dentre os objetivos previstos nessa comunicação, o principal foi o de ajudar as partes interessadas quando da elaboração de programas de Educação Financeira. Saliente-se que o desenvolvimento de instrumentos práticos para facilitar um melhor ensino da Educação Financeira nas escolas foi apresentado.

Recentemente, o presidente do *Federal Reserve System (FED)*³, Ben Bernanke, afirmou que as escolas dos Estados Unidos devem aprimorar a Educação Financeira e até considerarem torná-la uma exigência curricular. Bernanke acredita que mais Estados deveriam tornar as aulas de finanças pessoais uma exigência para todos os estudantes que pretendem obter um diploma de Ensino Médio. Ele destacou que apenas oito Estados incluem a matéria de finanças pessoais como obrigatória para a graduação (BROADCAST, 2008).

Na Espanha, a Fundação de Trabalho lançou em 2008 o projeto Educação e Acesso, subvencionado pela Direção Geral de Famílias e Infância do Ministério de Educação, Política Social e Esportes, conforme se pode observar no artigo intitulado “Fundación Laboral WWB⁴ em Espana” (2010). O

³ O Federal Reserv System é o banco central dos Estados Unidos da América, incluindo entre suas funções a formulação e execução das políticas monetárias.

⁴ WWB (Women’s World Banking) é o Banco Mundial da Mulher, criado na Holanda em 1979.

projeto nasceu como um programa de prevenção de situações financeiras complicadas por meio da elaboração de um manual de informações e do assessoramento personalizado. O que motivou o projeto em questão foi o fato de um número elevado de famílias espanholas estar endividadas, alcançando níveis históricos em 2007. Os objetivos são múltiplos, dentre os quais o de proporcionar conhecimentos básicos sobre temas financeiros e a espiral de endividamentos que pode comprometer a economia familiar e o futuro.

No caso dos Estados Unidos, a Educação Financeira no ensino norte-americano ampliou a tendência de poupar dos estudantes, destaca Mandell, citado por Savoia (2007). Torna-se evidente o fato de que tal predisposição apenas traz consequências quando é promovida. O ato de poupar não é da natureza humana, pois quando se tem à disposição objetos à venda e possibilidades de aquisição destes, qual seria a lógica de não se comprar imediatamente? Já que são objetos de consumo, que sejam consumidos. Então, essa noção de saber gastar com parcimônia deve ser promovida por meio de uma educação desenvolvida nesse sentido.

De acordo com a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE), a Educação Financeira é:

[...] o processo pelo qual os investidores e consumidores financeiros melhoram sua compreensão dos produtos financeiros, conceitos e riscos e, através da informação, do ensino e/ou do assessoramento objetivo, desenvolvem as habilidades e confiança necessárias para adquirir maior consciência dos riscos e oportunidades financeiras, tomar decisões com informações, saber onde buscar ajudas e tomar qualquer ação eficaz para melhorar seu bem-estar financeiro. (OCDE, 2008, p. 9)

Dessa forma, a OCDE prevê o desenvolvimento de habilidades e confiança, as quais são imperiosas para adquirir maior consciência dos riscos e oportunidades financeiras. Para Nunes (2010),

Risco financeiro é designado, de acordo com as Normas Internacionais de Contabilidade, como o risco de uma possível alteração futura numa ou mais taxas de juro, preços de instrumentos financeiros, preços de mercadorias, taxas de câmbio, índices de preços ou taxas, notações de crédito ou índices de crédito ou outra variável especificada, desde que, no caso de uma variável não financeira, a variável não seja específica de uma parte do contrato.

Como os riscos existem em cenários e locais diversos, sem haver previsibilidade potencial de ocorrer, deve-se estar preparado de forma

preventiva e consciente, no intuito de, se ocorrer tal alteração, estar-se bem aparelhado economicamente. As oportunidades financeiras, por sua vez, devem ser apresentadas aos indivíduos, para que sejam viabilizados conhecimentos nesta área da sociedade.

Dentre outros benefícios apresentados pela Educação Financeira, tem-se a compreensão de conceitos e produtos financeiros. Saliente-se que a precaução no que se relaciona à fraude constitui-se num desses benefícios também advindos dessa educação (COMISIÓN NACIONAL DEL MERCADO DE VALORES, 2008), permitindo ao indivíduo oferecer resistência ao encontrar-se nesse tipo de situação. Nesse sentido, a educação financeira evita situações indesejáveis derivadas de um endividamento excessivo ou de posições de risco inadequadas.

A análise do nível de educação financeira realizada com cidadãos de quinze países europeus⁵, entre eles Inglaterra, França, Espanha, Itália, Hungria, Áustria e Suécia aponta para a existência de dificuldades que o cidadão possui em administrar sua situação financeira. Por isso, o impacto da Educação Financeira deve ser considerado de grande relevância para o futuro das pessoas.

Os resultados advindos da análise do nível de Educação Financeira são semelhantes, ainda que a população analisada e a metodologia empregada sejam diversas, segundo o referido estudo. Sinteticamente, pode-se afirmar que a maior parte dos cidadãos encontra dificuldades tanto em administrar sua situação financeira quanto em avaliar os riscos que assumem.

Além disso, demonstrou-se que a maioria dos indivíduos não possui qualquer conhecimento relacionado a questões financeiras. E dois em cada três consumidores do Reino Unido ainda acreditam, de acordo com um levantamento feito pelo Citigroup⁶, que tais conhecimentos são difíceis para que possam compreendê-los.

Ademais, programas de alfabetização⁷ são desenvolvidos por institutos em vários países, como Rússia e África do Sul. A melhor forma de gerir as

⁵ Disponível em: <http://www.euractiv.com/en/financial-services/financial-education/article-175165>

⁶ Disponível em: <http://www.euractiv.com/en/financial-services/financial-education/article-175165>

⁷ Disponível em <http://corporate.visa.com/corporate-responsibility/financial-inclusion/central-and-Eastern-europe.shtml>

finanças é ensinada e abrange princípios financeiros. Percebe-se que a gerência das finanças, tal qual a de uma empresa, deve ser realizada.

Nesse sentido, o gerenciamento de finanças é um dos aspectos que tem sido desenvolvido pela VISA (*Visa International Service Association*), até mesmo há um site, por meio do qual se pode encontrar princípios financeiros, tais como orçamento, economia, gestão de contas bancárias. Igualmente, as agências bancárias foram contempladas com materiais educacionais, os quais são distribuídos aos clientes. Nesse contexto, os professores também recebem materiais que abordam conhecimentos financeiros. Nessa ação, a VISA realiza campanhas nacionais junto a instituições bancárias e governos. Interessante dizer que o orçamento mensal pode ser elaborado de forma simples por meio de consultas a determinados sites.

O site educativo "*My Money Skills*" (Minhas habilidades com o dinheiro), dá aos consumidores de forma fácil o uso de fórmulas e conselhos sobre a elaboração de um orçamento mensal para evitar demasiada dívida. Aliás, a versão russa de "*My Money Skills*" está hospedada em www.visa.com.ru e foi lançada pela *Rússia Visa Association*, um grupo de bancos cooperativos Visa no país.

No caso da África do Sul, encontra-se o sistema bancário comprometido com a Educação Financeira dos cidadãos, inclusive com aqueles que jamais tiveram conta bancária e mesmo tendo uma compreensão limitada da gestão financeira. Para poder chegar a essas comunidades, a Visa contratou um jogo baseado em uma tradição de contar histórias. De forma especial, grupos de teatro formados levaram o show para centros comunitários e universidades de toda a África do Sul onde os participantes aprendem como configurar e utilizar uma conta bancária. Também dão instrução sobre a importância de ficar dentro de um orçamento. Em razão do sucesso da série, houve a extensão de programas similares na Zâmbia, Uganda, Botswana e Quênia.

No caso da Colômbia⁸, escolas fazem parte dos centros educativos de qualidade para equidade e convivência, as quais têm conotações e ferramentas fundamentais para que a educação escolar seja mais competitiva. Em uma

⁸ En las escuelas enseñarán finanzas. Disponível em: http://www.elcolombiano.com/BancoConocimiento/E/en_las_escuelas_ensenaran_finanzas/en_las_escuelas_ensenaran_finanzas.asp. Acesso em 03 jul. 2010

primeira etapa, o projeto beneficiará 52.000 estudantes do 4º ao 11º ano da escolaridade, matriculados em 130 instituições educativas do referido país. Assim, estudantes entre 9 e 19 anos estarão no processo educativo. O Objetivo principal desse projeto é desenvolver nos estudantes competências financeiras que lhes permitam realizar um melhor uso dos recursos econômicos e tomar decisões sobre sua própria vida. As competências financeiras estão orientadas para que os estudantes aprendam a desenvolver um projeto de vida que oriente suas próprias ações, administrem suas finanças do dia a dia e a decidir sobre oportunidades financeiras para o longo prazo.

No Brasil, a Educação Financeira deve fazer parte da disciplina de Matemática de acordo com a legislação que está em fase de formação, ou seja, em forma de Projeto de Lei da Câmara (PLC) nº 171, de 2009, de iniciativa do deputado Lobbe Neto. Dessa forma, questões de natureza financeira devem fazer parte dos exercícios, conforme consta no Projeto.

Ainda podem-se encontrar diversos projetos de inclusão da educação financeira em escolas em diferentes estados federativos. Os trabalhos vêm desenvolvendo parcerias com instituições de ensino, como no caso do Projeto Educação Financeira LUTERPREV – PEF (Entidade Luterana de Previdência Privada), que tem como objetivo despertar crianças, jovens e adultos para a compreensão da realidade financeira em suas vidas, famílias, empresas e comunidades. A iniciativa criada pela LUTERPREV em 2002, em parceria com a Rede Sinodal de Educação, instituições ligadas à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), é desenvolvida em 14 escolas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O Projeto Educação Financeira (2009) visa a fortalecer nas crianças, nos jovens e adultos o raciocínio financeiro, a visão ética e de responsabilidade social necessários para a construção de uma sociedade sustentável.

Na notícia intitulada “Educação Financeira no Currículo Escolar” (2009)⁹, encontra-se o anúncio de que “o estado do Amazonas quer ser o primeiro do país a ter a disciplina Educação Financeira inclusa no currículo escolar dos alunos do Ensino Fundamental e Médio, da rede estadual e de educação

⁹ Educação Financeira no Currículo Escolar. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/noticias/1460013/educacao-financeira-no-curriculo-escolar>. Acesso em: 21 jan. 2011

pública e privada.” A solicitação foi apresentada à Assembleia Legislativa do referido Estado. O objetivo dessa inclusão, segundo o referido texto, seria “ensinar jovens desde cedo a ter disciplina com as finanças através de noções básicas para investimentos, poupança, estratégias para minimizar dívidas”, com a finalidade de que os alunos saibam lidar melhor com a renda.

No Rio Grande do Sul, a experiência existente relativa à Educação Financeira é o Programa de Educação Fiscal-RS – Aprendendo a Ser Cidadão (2004). O referido programa foi instituído pela Lei nº 11.930, de 23 de junho de 2003¹⁰, tendo como objetivos:

- formar cidadãos conscientes quanto à função socioeconômica dos tributos;
- levar conhecimentos aos cidadãos sobre a administração pública, arrecadação, aplicação e controle dos gastos públicos;
- possibilitar o acompanhamento pela sociedade da aplicação correta dos recursos públicos;
- estimular o recolhimento espontâneo de tributos;
- criar uma relação harmoniosa entre o Estado e o cidadão.

O referido programa disponibilizou materiais, dentre os quais, cartilhas e DVD, que foram distribuídos aos professores da rede pública estadual para que estes pudessem aplicar tais conhecimentos financeiros em suas escolas.

O Colégio Marista Rosário, na cidade de Porto Alegre, em maio de 2009, de acordo com a revista “Rosário em Foco” (2009), foi a única instituição particular de ensino que participou do Programa Dinheiro Mais que Dinheiro, fruto de uma parceria entre o Banco HSBC e a *Associação Junior Achievement* (organização não governamental). Houve três encontros dos alunos da sexta série do Ensino Fundamental com especialistas da área de Economia, que explicaram a prática de um bom planejamento financeiro, juntamente com aplicações práticas por meio de jogos e exercícios.

No Estado de São Paulo, especificamente no Colégio Módulo, de acordo com o artigo “Educação Financeira Vem de Casa” (2009), houve aulas de apresentação de noções de Matemática Financeira além de visitas à Bolsa de Valores de São Paulo. Dentre os temas abordados, puderam calcular o quanto seus pais tinham investido na escola até determinada época do ano escolar.

10 RIO GRANDE DO SUL. Lei 11930/03, de 23 de JUNHO de 2003. Institui o Programa Estadual de Educação Fiscal – PEF/RS e dá outras providências. Disponível em: <http://www.educacaofiscal.rs.gov.br/template/structural/mainstructure.aspx?ContentURI=ui/public/Lei1193003>. Acesso em: 21 jan. 2011

Desse modo, percebe-se que já há ações concretas de valorização da Educação Financeira, tanto no Brasil quanto em outros países.

Nota-se que os conceitos relacionados à Matemática Bancária desenvolvidos na escola aparecem nas instituições bancárias de forma integrada nos diferentes modelos, envolvendo vários deles numa mesma operação bancária, desde a definição até o cálculo final, conforme Marasini e Grando (2006). No entanto, o que é utilizado nos bancos, muitas vezes, não parece ter sido adquirido na escola. Os conhecimentos adquiridos no processo educacional, segundo as autoras, parecem não serem os mesmos apresentados numa realidade bancária, quando se espera que o indivíduo possa interpretar dados e concluir sobre aspectos econômicos de forma integrada. Ainda de acordo com as autoras, a Matemática Financeira utilizada em instituições bancárias, tais como o cálculo das taxas bancárias, é desconhecida para muitas pessoas.

No contexto do trabalho, os conceitos de Matemática Financeira são imprescindíveis, revelando o meritório papel que representam as relações existentes entre os diferentes conceitos de Matemática Financeira, caracterizando-se como um sistema de conhecimento, conforme Vigotsky, citado por Marasini e Grando (2006). Acima de tudo, a Álgebra torna-se essencial quando se trata de Matemática Financeira. Os elementos desenvolvidos na álgebra são primordiais no estudo financeiro.

Conforme Marasini e Grando (2006), a autonomia pessoal é a consequência direta de uma Educação Financeira. Esse aspecto de autonomia reflete-se em melhor qualidade de vida com aproveitamento econômico consciente.

Para D'Ambrosio (1997), a proposta de currículo dinâmico envolve três formas de atividades, quais sejam a de sensibilização, a de suporte e a socialização. Nesse sentido, a motivação e o interesse devem ser despertados por meio da prática educativa. A análise crítica desses elementos deve estar inserida na prática educativa. Ainda, de acordo com D'Ambrosio (1997), sem vinculação com ação social, o trabalho individual na escola não tem lugar. O aprendizado do agir em comum possibilita a socialização de conhecimentos, defendida pelo autor, sendo a escola, coerentemente com a definição de educação que endossa a oportunidade de se aprender a agir em comum.

O currículo deve ser repensado para que educação possa ser sinônimo de envolvimento com o mundo, salienta D'Ambrosio (1997). E segue, dizendo que a educação precisa inserir-se no (refletir o) processo de globalização mundial.

Todos os elementos apresentados neste capítulo apontam para a importância do desenvolvimento da Educação Financeira no âmbito escolar, objeto principal deste trabalho.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, são apresentados os elementos associados aos procedimentos metodológicos da pesquisa realizada. Destacam-se a abordagem e os instrumentos da pesquisa, os sujeitos envolvidos e os procedimentos de análise dos dados.

4.1 Abordagem da pesquisa e instrumentos de coleta de dados

A metodologia de pesquisa empregada neste trabalho tem abordagem qualitativa, a qual, segundo Moraes e Galiazzi (2007, p.11), “pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga partindo de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação”. Desse modo, o intento é compreender, reconstruindo conhecimentos existentes sobre objeto de estudo.

De acordo com Bogdan e Biklen (2010), a investigação qualitativa possui cinco características: a) o fato de o investigador constituir-se em instrumento principal de ação, sendo o ambiente natural a fonte direta de dados; b) a presença e o destaque dado à descrição; c) o interesse dos investigadores em focalizar mais o processo do que simplesmente os resultados ou produtos; d) a tendência de os investigadores em analisar os seus dados de forma indutiva e, por fim, e) a importância vital dada ao significado da pesquisa realizada. No caso da descrição, salientam os autores:

Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos. (*ibid.*, p. 48)

Günther (2006), por sua vez, salienta que o envolvimento emocional do pesquisador com o seu tema de investigação faz-se presente na pesquisa qualitativa. Considerando isso, ele afirma ser necessário um maior detalhamento dos pressupostos teóricos subjacentes e do contexto da

pesquisa. Afirma ainda o autor que a pesquisa qualitativa tem como base os textos, e esses, a partir da coleta de dados, são interpretados hermeneuticamente.

Em razão de preconizar um avanço do bem-estar social, conforme sublinha Günther (2006), e para chegar a um resultado que traga contribuição mais completa para o fenômeno do ensino da Educação Financeira, justifica-se a abordagem qualitativa, na pesquisa e na apresentação e discussão de seus resultados.

Desse modo, em razão da intenção de elucidar o papel da Educação Financeira no ambiente escolar, decidiu-se por esse modo de pesquisa: os dados empíricos foram obtidos por meio de entrevistas com especialistas da área, bem como com alunos do Ensino Médio, tanto da rede particular como pública de ensino. Lüdke e André (1986, p. 33) afirmam, no que tange ao caráter de interação entre pesquisador e pesquisado, que “na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde”. Por isso, optou-se pela entrevista semiestruturada, possibilitando maior espontaneidade do entrevistado e ampliação da coleta de dados por meio de perguntas emergentes no ato da entrevista.

O posicionamento de Flick (2007) em relação à entrevista semiestruturada é a de que seu uso vincula-se à expectativa de que provavelmente os pontos de vista dos entrevistados possam ser expressos com um planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou mesmo em um questionário.

Consoante Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998, p. 168), a entrevista “permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade”. A pretensão da entrevista é, por conseguinte, compreender as perspectivas e práticas dos entrevistados. Ainda elucidam os autores os tipos de entrevista, quais sejam: a não estruturada, em que o entrevistador insere o tema da pesquisa e pede ao sujeito que discorra um pouco sobre ele; a entrevista semiestruturada, na qual o entrevistador gera perguntas específicas, bem como permite que o entrevistado responda em seus próprios termos. Sendo a escolhida na realização dessa dissertação esta última. Assim, o roteiro

previamente estabelecido, que caracteriza a entrevista estruturada, não é seguido de forma rígida. O roteiro das entrevistas realizadas com os alunos consta no Apêndice A e o roteiro das entrevistas com os consultores financeiros, no Apêndice H.

Convém destacar aqui a posição de Santos e Caneloro (2006, p. 75), para os quais a divisão da entrevista dá-se em três tipos: estruturada, semiestruturada e não estruturada. Para conceituar a semiestruturada, tais autoras supõem que “haja uma confluência de perguntas previamente elaboradas com outras pautadas a partir das respostas e elucubrações dos entrevistados”.

No tangente ao conteúdo, a entrevista pode, conforme salienta Lima (2008), identificar a opinião que as pessoas possuem a respeito de fatos explorados na pesquisa, bem como os conteúdos das justificativas.

A entrevista, aqui empregada, portanto, foi a semiestruturada, em razão do interesse do pesquisador em não ficar vinculado à padronização, ficando livre para estabelecer perguntas além das formuladas previamente. Isso possibilitou valorizar aspectos individuais dos entrevistados, à medida que abordavam assuntos intrinsecamente ligados ao assunto geral proposto pelo entrevistado.

4.2 Sujeitos de pesquisa

Para a realização da pesquisa, foram entrevistados nove sujeitos. Dentre esses, seis são estudantes do Ensino Médio, todos residentes em Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, três de escolas públicas – localizadas em um bairro de classe média-baixa – e três de escolas privadas – localizadas em bairros de classe média-alta. A forma de escolha das séries foi aleatória, sendo que a distribuição se compôs da seguinte maneira: três alunos do 3º ano do Ensino Médio, dois do segundo ano e um do primeiro ano. Os alunos entrevistados foram igualmente distribuídos em relação ao sexo, tal escolha

também se efetivou de forma aleatória, sendo três deles do sexo feminino e três do sexo masculino. Para a análise os alunos são identificados como A1, A2, A3, A4, A5 e A6, de acordo com o quadro a seguir:

Aluno	Idade	Série	Trabalha	Escola
A1	17 anos	3 ^a	Sim	Pública
A2	16 anos	2 ^a	Sim	Pública
A3	15 anos	1 ^a	Não	Pública
A4	17 anos	3 ^a	Não	Privada
A5	16 anos	2 ^a	Não	Privada
A6	18 anos	3 ^a	Não	Privada

Quadro 1 – Características dos sujeitos – alunos

Os demais três sujeitos são profissionais cujas atividades relacionam-se ao campo financeiro e educacional, mais especificamente da área de corretagem de valores, efetuando as transações entre os compradores e os vendedores. Com a ajuda de uma corretora, segundo Gitman (2010), “os títulos efetivamente mudam de mãos no pregão da bolsa”. Os corretores são os contratados pelas corretoras para realizarem tal atividade, uma vez que cada indivíduo não pode, sem ter vínculo com algum corretor, fazer alguma transação financeira desse tipo. Os consultores financeiros são identificados como CF1, CF2 e CF3. Essa medida visa a preservar os respondentes, mantendo o anonimato.

Consultor Financeiro	Idade	Instrução
CF1	29 anos	3º grau completo
CF2	28 anos	3º grau completo
CF3	24 anos	3º grau incompleto

Quadro 2 – Características dos sujeitos – consultores financeiros

Os consultores financeiros assinaram o Termo de Consentimento Livre e esclarecido, cujo modelo é apresentado no Apêndice L. No caso dos alunos, o termo (modelo no Apêndice M) foi assinado pelos pais.

As entrevistas foram feitas individualmente e gravadas em áudio e, após, transcritas para análise, as quais integram os Apêndices desta dissertação. As entrevistas realizadas com os alunos encontram-se nos Apêndices B até G. Já as entrevistas feitas com os consultores estão transcritas nos Apêndices I até K.

4.3 Procedimentos de Análise dos dados

Para o tratamento das informações, foi realizada a Análise Textual Discursiva (MORAES e GALIAZZI, 2007, p. 47) “a partir de dois movimentos opostos e ao mesmo tempo complementares: o primeiro de desconstrução, de análise propriamente dita; o segundo reconstrutivo, um movimento de síntese”. Em razão da semiestruturação, houve posicionamentos diversificados e merecedores de análise para que o pesquisador pudesse fundamentar sua investigação.

A Análise textual Discursiva parte de um conjunto de pressupostos relacionados à leitura dos textos examinados. E, tendo em mãos esses textos, o processo de análise é iniciado, sendo a primeira etapa a desconstrução dos textos e sua unitarização, que consiste, segundo os autores (2007, p.19), “num processo de desmontagem ou desintegração dos textos, destacando seus elementos constituintes”. A partir dessa desconstrução, estamos diante de “unidades de significado ou de sentido” (ibid, p.18). O próximo passo consiste na categorização das unidades construídas, sendo este o aspecto central na Análise Textual Discursiva. Com as categorias organizadas, passa-se à elaboração do texto descritivo, o qual contribui para a elaboração do texto final, de natureza interpretativa, apoiado nos teóricos que integram os pressupostos da pesquisa.

A análise dos dados gerada a partir das entrevistas é apresentada no capítulo a seguir. Destaca-se que, para Bogdan e Biklen (1991, p.205), a análise de dados:

[...] envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta de aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros.

De acordo com Moraes e Galiazzi (2007), há exigência de uma conscientização por parte dos sujeitos, a qual possibilita “uma transformação das realidades dadas para formas mais avançadas e socialmente aceitáveis”. Os autores consideram essa abordagem crítica em relação à realidade, tendo como objetivo sua transformação, transformação essa que pretende atingir o universo escolar.

Na análise dos dados, algumas citações são utilizadas no intuito de ilustrar os resultados e conferir consistência ao estudo.

5 RESULTADOS DA PESQUISA

Da análise dos depoimentos realizados, emergiram as seguintes categorias: importância da Matemática para a Educação Financeira; Conhecimentos econômicos necessários no cotidiano; Investimentos e Planejamento Futuro e Papel da Escola na Educação Financeira.

5.1 Importância da Matemática para a Educação Financeira

A disciplina de Matemática apresenta-se com imprescindível importância para a vida futura e relaciona-se com aspectos essenciais de investimentos econômicos tanto para profissionais entrevistados quanto para os estudantes.

Há, para os profissionais desta pesquisa, relação nítida entre a Matemática e o dinheiro, bem como com os modos de investimento, conforme se vê nos depoimentos a seguir:

Está intimamente ligada, não é uma matemática difícil, mas a gente precisa saber calcular a rentabilidade, juro composto, taxa, despesa de operação, impostos, com certeza a matemática está aí [...]¹¹. (CF2).

Matemática básica sempre é essencial e inclusive matemática financeira tem que haver algumas bases. (CF3).

Tal relação é essencial para que se calcule os rendimentos obtidos em determinado investimento, como salienta CF1: “*Tem sim, porque para a gente calcular o rendimento precisa da matemática, especialmente em números*”.

Em relação à matemática e seu papel social, Skovmose (2008, p. 12), evidencia a sua noção de Matemática em ação, qual seja a de que “muitas coisas podem ser realizadas quando a matemática está em jogo”. Além disso, essas ações, para o autor, constituem as inovações tecnológicas e os procedimentos econômicos, que fazem parte do dia-a-dia, dentre outros elementos. A referida Matemática em ação estaria fazendo parte de, como

¹¹ Quando as citações são dos sujeitos, além dos destaques de acordo com as normas ABNT, são apresentadas em *itálico* para diferenciar-se de citações dos autores.

menciona ele, “nossos mundo-vida, podendo servir aos propósitos mais variados”.

Da mesma maneira, os alunos entrevistados percebem essa relação. Inclusive um dos estudantes que trabalha (A1) tem ciência da relevância da Matemática no contexto real, no cotidiano. Há preocupação, principalmente, com o que lhe é descontado a título de legislação trabalhista de forma compulsória:

Toda relação porque tu precisas da Matemática para controlar o dinheiro, para saber o quanto tá ganhando, de onde tu tá ganhando, se estão te descontando o INSS, quanto é, porque o percentual daquilo, se é justo por aquilo ali, então, relação total. (A1)

O interesse mostra-se presente para que a Matemática possa trazer benefícios futuros, bem como a ideia do que se pode despende, ou seja, gastar: “*Tem que saber, pela Matemática, o que vai precisar economizar, para poder gastar.*” (A4)

Além disso, a simples relação matemática-dinheiro é percebida facilmente, como se vê no depoimento de A2: “*Tem relação, dinheiro é número*”.

Apesar da importância que percebem, a Matemática que é ensinada na escola parece não ter aplicabilidade na vida dos estudantes. A constatação é feita mesmo sem que eles tenham terminado de cursar o Ensino Médio. Veja-se que, para os estudantes, ela se torna um mero instrumento para que a aprovação seja obtida nas escolas, tal qual nas demais matérias:

[...] se a gente tá aprendendo determinada matéria, aí o professor chega e diz: “olha quando vocês estiverem calculando a base do salário de vocês, vocês podem aplica aquilo de tal forma”, vai ser muito mais interessante. Daí não estuda só para fazer uma prova porque tem que passar de ano. Tu tá estudando uma coisa que vai ser para a vida inteira, vai ser útil, por muito tempo. Infelizmente não é o que a gente vê acontecendo. (A1)

Também para um dos consultores financeiros, essa constatação é clara, como se observa:

Realmente, eu não tinha pensado sob esta prisma, é claro a educação no Ensino Médio contribuiu para tu poder controlar e circular, ... mas aplicado, em termos de educação financeira, ou exercícios, como economia não tem nada diretamente. (CF2)

Frise-se que, para Skovsmose (2008, p.57), a questão relacionada à formação em Matemática é assim definida:

Há grupos que devem ter uma boa formação em Matemática; há os que precisam saber usar certas técnicas matemáticas; há os que devem ser capazes de ler diagramas; e os que devem conhecer a matemática embutida em procedimentos; para a maioria, por fim, basta conhecer a matemática que lhe possibilita fazer compras e lidar com pagamentos e transações bancárias.

Então, proporcionar ao aluno conhecimentos de Matemática, como o autor afirma, torna aquele apto a realizar atividades de forma mais consciente e sensata, principalmente em atividades rotineiras como realizar pagamentos. Aliás, sob esse aspecto Paulo Freire, na entrevista que deu para o Oitavo Congresso Internacional de Educação Matemática, citado por D'Ambrosio (1999) diz:

Eu dizia outro dia aos alunos que quando a gente desperta, já caminhando para o banheiro, a gente já começa a fazer cálculos matemáticos. Quando a gente olha o relógio, por exemplo, a gente já estabelece a quantidade de minutos que a gente tem para, se acordou mais cedo, se acordou mais tarde, para saber exatamente a hora que vai chegar à cozinha, que vai tomar o café da manhã, a hora que vai chegar o carro que vai nos levar ao seminário, para chegar às oito. Quer dizer, ao despertar, os primeiros movimentos, lá dentro do quarto, são movimentos matematicizados. Para mim essa deveria ser uma das preocupações, a de mostrar a naturalidade do exercício matemático.

Compreende-se, desse modo, a presença constante da Matemática na vida do ser humano, ao mesmo tempo em que esta passa de forma quase imperceptível no dia a dia de todos.

Neste ponto, faz-se necessário pontuar aspectos relacionados à Modelagem Matemática, que pode ser conceituada, segundo Nina e outros (2005, p. 78) como “a arte de transformar situações da realidade em problemas matemáticos cujas soluções devem ser interpretadas na linguagem oral.” É uma forma de aprendizagem que considera relevante aspectos do cotidiano dos alunos, uma espécie de interação da realidade com a Matemática. Assim, os alunos têm o ensejo para usar situações reais na aprendizagem da Matemática, facilitando o entendimento desta. É em função disso que a Matemática comunica-se com outras áreas do conhecimento e deve ser usada nesse sentido, pois onde quer que se esteja a presença desta é inegável.

Aliás, a seguinte passagem encontra-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2006, p. 40):

A Matemática no Ensino Médio tem um valor formativo, que ajuda a estruturar o pensamento e o raciocínio dedutivo, porém também desempenha um papel instrumental, pois é uma ferramenta que serve para a vida cotidiana e para muitas tarefas específicas em quase todas as atividades humanas.

Destaca-se a afirmação de Lemes Júnior e outros (2002, p. 17), para os quais “a Matemática e a Estatística têm importante relação com as Finanças, visto que estabelecem as medidas quantitativas, explicativas e predicativas do objeto das finanças: a criação de valor”. A vinculação da Matemática com as finanças faz-se presente de forma inequívoca, em vista da necessidade da realização de cálculos em atividades como as transações de compra e venda, de tomada de empréstimos, além das formas de investimentos no intuito de atingir objetivos financeiros presentes tanto na vida familiar como profissional.

Contudo, como se pode ver a seguir, meros conceitos relacionados à economia, interligando a área de matemática à vida prática parecem não serem abordados na escola, mesmo com a importância que possuem. A essencialidade da Matemática reside tanto nas atividades diárias simplistas – como em quaisquer pagamentos – quanto em alguns cálculos os quais exigem um conhecimento um pouco mais técnico, como no caso de cálculos de rendimentos financeiros. Constata-se, dessa forma, a percepção do valor da Matemática pelos entrevistados é nítida, uma vez que esta é exigida reiteradamente e assim permanecerá ao longo de todo o processo profissional.

5.2 Conhecimentos econômicos necessários no cotidiano

Em relação aos conhecimentos da área econômica necessários no cotidiano, os profissionais que atuam no mercado de corretagem da bolsa de valores percebem que aqueles que querem investir nesse mercado têm pouco ou nada de informações sólidas sobre tal investimento. Chegam a citar que não há uma educação voltada à economia que tenha sido oferecida na escola. Além disso, há evidente constatação sobre a recente estabilidade econômica

no Brasil, uma vez que há poucas décadas, as políticas econômicas coexistiam com inflação elevada.

Acho que, primeiro, porque a gente não tem educação financeira, não tem um sistema voltado para ensinar às pessoas as formas de ganhar dinheiro, rentabilizar o seu dinheiro, primeira coisa. Segundo, o Brasil é muito novo ainda porque nossa economia está se desenvolvendo numa velocidade muito grande, há vinte anos atrás não existia quase nada do que tem hoje de economia no Brasil. (CF2)

Falta de cultura, da parte mais primária e do contexto do país, que sempre tinha inflação alta, juros altos, em geral, não há uma cultura de... pensam sempre no hoje, ontem... (CF1)

Efetivamente, quando a estabilidade econômica não se faz presente em uma sociedade têm-se baixos salários, defasados pela elevada inflação, o que não estimula o indivíduo a economizar e a projetar-se economicamente para o futuro.

Quando questionados sobre a possibilidade de pessoas, que receberam imensos valores econômicos de uma só vez em virtude de uma loteria, por exemplo, não administrarem bem tais valores e gastarem tudo, as respostas foram semelhantes, como as que seguem:

Justamente pelo fato de as pessoas não terem essa instrução, então saem gastando tudo sem pensar lá na frente. (A6).

Porque a pessoa nunca economizou, então vai comprar coisas inúteis. Porque as pessoas não foram acostumadas com o dinheiro. (A2).

Certamente não têm muito experiência, acabam gastando tudo (A4).

Houve, assim, concordância com o fato de não haver instrução anterior para administrar os recursos adquiridos, além de não saberem como ou onde investir. A administração dos recursos parece estar distante da preocupação das pessoas, que não tiveram possibilidades de obter informações sobre gestão ou economia ao longo de sua vida. As bases educacionais relacionadas ao conhecimento acerca do dinheiro, planejamento econômico ou administração dos recursos financeiros foram adquiridas, de forma primitiva e elementar com seus familiares. Quanto à escola, pelo que se pôde perceber, não tem realizado tal propósito, inclusive demonstra-se isso nos resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas. Vejamos algumas considerações: questões acerca dos conhecimentos sobre alguns conceitos elementares da área de Matemática e Economia foram apresentados aos entrevistados, tais

como *juros simples, juros compostos, longo, médio e curto prazo, desconto, importância de pagamentos à vista ou parcelado, bolsa de valores, poupança*. As respostas demonstram conhecimentos reduzidos, muitas vezes imprecisos e, algumas vezes, equivocados, representando lacunas na aprendizagem de estudantes de Ensino Médio, os quais estão saindo de um ciclo para adentrar no ensino profissionalizante, dentro do qual estabelecerá bases para suas futuras profissões. Inclusive no caso de caracterizar um “longo prazo”, têm-se respostas como “2 anos” (A2 e A5) bem como “10 anos”(A4). Há um caso em que o sujeito sequer havia noção do que é, conceitualmente dizendo, caderneta de poupança. Neste caso, o entrevistador teve que esclarecer tal conceito. O restante limitou-se a dizer que seria importante para o futuro, tão somente.

Alguns conceitos dados pelos entrevistados merecem ser aqui apresentados. Aquele que mais parece ser elucidativo da visão que apresentam sobre economia é o próprio conceito de “economizar”:

Economizar é a gente fazer ter o dinheiro um rendimento maior, para guardar dinheiro para o futuro. (A1)

É guardar para uma hora de aperto. (A2)

Economizar é pesquisar, ver o preço mais barato. (A4)

Há, como se pode perceber, conceitos dados que demonstram certa preocupação com o futuro. Os profissionais também acreditam que economizar remete ao aspecto de segurança para o futuro, pois, quando questionados sobre a importância de as pessoas pouparem, assim se manifestaram:

Para terem um recurso no futuro. (CF1)

É a importância de ter um futuro mais confortável, mais feliz materialmente falando, a gente sabe que o dinheiro não é tudo, mas ele é bem importante, sem ele, um valor mínimo a gente não tem tranquilidade, paz, então precisa também dele, saber gerir as economias, não importa como. (CF2)

As respostas dadas pelos alunos ao questionamento sobre quem lhes ensinara algo a respeito de pensar acerca do uso do dinheiro refletem a participação da família na coordenação dessa atividade. Embora isso ocorra de forma não regular ou responsável, como se pode notar nas respostas elencadas abaixo:

[...] na verdade foi mais uma coisa de minha vivência mesmo que vendo as coisas como estavam dentro de casa e o que eu podia fazer para fazer a partir do que eu tinha. Meus pais tenham me auxiliado em alguns momentos. Nada tão decisivo quanto a minha própria iniciativa, então eu sempre procurei saber o que estava acontecendo financeiramente dentro de casa e como eu podia fazer para ajudar na situação. (A1)

Eu aprendi um pouco sozinho e um pouco em casa. (A2)

Aprendi em casa. E que nem eu – eu morava só com minha mãe – aí eu tinha o meu dinheiro. E não podia gastar mais do que tinha, não podia exceder. E quando excedia sabia que não daria para minha economia. (A5)

Aprendi um pouco na escola, e um pouco em casa. A principal parte foi em casa. (A6)

Apenas um estudante entrevistado – saliente-se que oriundo da escola privada – afirmou que seus pais se preocupam demasiadamente em poupar. Entretanto, não respondeu se eles, de fato, lhe ensinaram algo sobre isso: *“Meus dois pais são muito preocupados com poupar dinheiro.” (A4)*

No caso dos profissionais, um deles destacou a maneira como o seu pai tratava o fato de poupar em casa, dizendo o seguinte:

Minha mãe não tem uma cultura muito financeira, meu pai nunca foi muito arrojado, de uma maneira muito interessante, tinha uma cômoda da casa que, sempre que ele passava, ele depositava uns trocos dele, e quando chegava a um determinado montante ele depositava numa poupança. Eu acho bastante interessante e eu faço hoje, mesmo depois de meu pai ter falecido. Não deixa de ser uma forma de educar financeiramente: poupar. (CF3)

No caso da pergunta que se referia à aplicação em Bolsa de Valores, obtiveram-se respostas como:

Bolsa de valores eu vou ter ações, e está no papel. (A2).

Algo que tu investe e, dependendo do resultado da bolsa, tu pode ter algum retorno algum dia. (A5).

Nota-se a incipiente noção do que os alunos do Ensino Médio têm sobre uma forma de investimento.

Sobre um dado econômico relativo à inflação do ano anterior – no Brasil – os alunos não souberam precisar, assim como houve respostas que refletiram a ausência de conhecimento: Acho que por volta de 6,5%, mais ou menos: *“Não tenho nem ideia” (A4); “Acho que 10%” (A5); “Parece que 8%” (A6).* Os próprios verbos usados pelos entrevistados corroboram a falta de

domínio matemático sobre dados inflacionários, que, aliás, são apresentados pelos meios de comunicação televisivos praticamente todos os dias.

Segundo Gitman (2010), muitos dos princípios da administração financeira são aplicáveis à vida dos indivíduos. E, além disso, deve-se considerar o impacto dos impostos sobre os projetos financeiros. Veja-se que, na maioria das vezes, no Brasil, os impostos estão incluídos no preço final das mercadorias e não são discriminados nas notas fiscais. A exceção encontra-se nas compras de bens duráveis, como televisores e computadores, por exemplo, situação na qual o valor do tributo pago pelo consumidor vem especificado na nota fiscal. Nessa perspectiva, não se tem noção exata do valor dos impostos que se paga diariamente nas operações de compra e venda de mercadorias e serviços.

Os conhecimentos relacionados à economia, base de um futuro econômico e financeiro próspero, conforme se pode perceber, estão aquém do que se poderia afirmar ser um mínimo a um estudante do ensino médio. O jovem está na formação do ensino médio, que é o último passo dado antes do ingresso na universidade ou no mercado de trabalho e não sabe diferenciar juro simples de juro composto. A noção sobre um dado estatístico que relaciona a inflação do país também não está fixada pelos entrevistados, demonstrando a incapacidade que possuem de estabelecer reflexões essenciais sobre a economia do dia a dia. No que diz respeito ao fato de economizar, apresenta-se um quadro de elementares conceitos da compreensão dos entrevistados. Revela-se, dessa forma, o simples conhecimento rudimentar dos alunos em oposição ao profissional entrevistado (CF2) que soube explicitar a preocupação acerca da existência de gestão financeira pessoal.

5.3 Investimentos e Planejamento Futuro

A ausência de planejamento futuro é uma tônica para os estudantes secundaristas. A maioria ganha mesada (quatro dos seis entrevistados) e apenas dois trabalham e tem seus recursos próprios – ambos da rede pública de ensino. Mesmo assim, afirmam que gastam naquilo de que precisam e guardam um pouco, porém esses valores acumulados não são aplicados em lugar algum. Parece, dessa forma, que não se preocupam com o futuro, apenas com o mês a mês, sabedores que são da assídua mesada dada pelos pais.

No caso da escolha profissional, alguns dos entrevistados afirmam que querem, efetivamente, tornarem-se profissionais de áreas que lhes sejam agradáveis, não só pelo retorno financeiro. Assim, têm-se os seguintes enunciados:

Basicamente, garantir um futuro, mas sempre fazendo alguma coisa que se goste, não trabalhar só por obrigação. (A6)

Vejo-me numa profissão que eu goste, porque eu não sei se me agradaria estar numa profissão só pelo salário no final do mês, porque isso iria acabar afetando na produtividade... Eu ia acabar me atrapalhando. (A2)

Em relação a uma previsão econômica futura, como no caso de guardar determinado valor por um período de tempo, houve demonstrações de ausência de informações sobre o montante que seria formado caso ocorresse esse fato: *“Nunca questionei isso, mas acho que daria um bom dinheiro” (A1); “Não tenho nem noção” (A5)*. É possível observar que nenhum dos entrevistados demonstrou interesse – durante a realização das entrevistas – em saber exatamente quanto seria o valor total arrecadado caso houvesse a reserva de um real por dia devidamente corrigido por um prazo longo.

Entretanto, houve consonância com as respostas advindas da seguinte pergunta: *“O que significa, com relação ao dinheiro, nunca se deve pôr todos os ovos numa mesma cesta?”*. A percepção de que o investimento deve ser realizado de diversas formas e não somente de uma, foi compreendida, conforme segue:

Não se deve fazer um investimento, investir todo teu dinheiro, sei lá, uma parte significativa dele, numa única coisa, porque pode não dar certo. Por exemplo, tu vais investir nas ações, de uma empresa. Tu ganhaste na loteria, daí tu ganhaste 1 milhão, tu investes 900 mil naquilo ali e quando vê, quebra tudo. Aí é um baita de um dinheiro que tu perdeu. É bom investir em várias áreas. (A1).

Isso, o ideal é não investir tudo numa mesma coisa, porque se uma coisa não der certo... (A2).

Acho que não deve apostar num investimento só. (A4).

A estabilidade financeira de cada indivíduo apresenta-se como responsabilidade de cada um e não do governo. Desse modo, este pode manter a economia com inflação reduzida, mas se não houver uma administração pessoal, o sucesso financeiro não tem vez. Um entrevistado, inclusive assim se pronuncia: “Os dois, o governo pode oferecer estabilidade, mas eu não conseguir fazer bom uso do meu dinheiro [...]” (A2).

Veja-se que cada um deve, segundo as respostas, fazer uso de seu dinheiro, entretanto há poucos ensinamentos sobre isso dentro da família, tampouco no ambiente escolar. Então como cada um saberá o que fazer com seus recursos no futuro? Apenas receber para sobreviver? Trabalhar no que lhes convém, despreocupando-se com os investimentos futuros?

Os profissionais da área de corretagem de valores, entrevistados nesta investigação, afirmam que aqueles que procuram tais investimentos são pessoas que almejam lucrar de forma rápida e fácil. Isso representa, de certo modo, um desconhecimento sobre finanças, bem como a ausência de um planejamento prévio. Em decorrência disso, ao surgir determinado valor monetário a ser investido, as pessoas querem investir em algo que lhes traga uma rentabilidade mais elevada, de forma a querer recuperar o tempo perdido. Parece haver a nítida intenção de ter rendimentos fáceis, quando não ocorre exatamente isso, por exemplo, nas aplicações em Bolsa de Valores. Tal quadro poderia ser revertido na medida em que houvesse esclarecimentos econômicos ao longo de um processo educacional para preparar os indivíduos que irão encarar a fase adulta de suas vidas de forma despreparada nas questões relacionadas ao aspecto monetário. Assim, uma das respostas dadas à pergunta “O que mais atrai as pessoas para fazer um investimento na Bolsa de Valores?” foi: “Dinheiro rápido e fácil, o que às vezes não é realidade e é uma coisa que acaba frustrando as pessoas, inclusive.” (CF3).

Logicamente, não se quer dizer que a rentabilidade elevada não possa ser alcançada na Bolsa de Valores. O que se quer salientar é a falta de conhecimentos prévios que determinam certas ações, as quais poderiam ser decididas de forma mais racional e tempestivamente. As ações pretéritas têm caráter essencial nas decisões econômicas futuras.

Uma demonstração de que o investimento pode ser realizado em qualquer área são as respostas dadas pelos profissionais sobre o que pensam sobre o investimento tão somente em caderneta de poupança. Um deles afirmou que é importantíssimo, pois representa uma preocupação inicial com “poupar”, o que seria uma espécie de primeiro passo dado no sentido de investir os recursos financeiros para garantir rentabilidade. Além disso, salientam que, muitas vezes, tal investimento é realizado porque há desconhecimento das pessoas em aplicar de outras formas e a poupança seria “*um veículo que pode se transformar em outros interessantes*”. (CF2) Tem-se também a resposta:

Buscam uma segurança que pode ser temporária, porque a caderneta de poupança... Se tiver depositado numa instituição que venha a sofrer um... , mas acredito que é mais falta de conhecimento porque muitas vezes ela remunera, mas o dinheiro perde valor com o tempo também. (CF1).

Inclusive há menção de que as pessoas que assim investem querem segurança, mas que, se investem apenas por falta de opções, estariam perdendo dinheiro. Isso quer dizer que a falta de oportunidades de investimentos está relacionada com a ausência de preparação financeira das pessoas.

Simas (2011) afirma que “estudantes do segundo ano do Ensino Médio do Colégio Bom Jesus aprendem ideias básicas de planejamento econômico, mercado financeiro e investimento em ações”. O referido projeto desenvolve-se em Curitiba e, além apresentar aspectos de economia doméstica, há uma espécie de preparação para entender o funcionamento financeiro de uma empresa, além da aprendizagem sobre investimentos. O trabalho é desenvolvido em um módulo específico, que funciona paralelamente à disciplina de Matemática. Esse é um exemplo de como a escola pode desenvolver a Educação Financeira.

Assim, a Educação Financeira assume um caráter essencial na vida das pessoas, uma vez que proporciona planejamento para que o futuro seja previsível, sem que pequenos percalços atrapalhem completamente a vida econômica familiar de cada um. Assim, o conhecimento de assuntos e conceitos do mundo financeiro é uma conveniência que ultrapassa o ensino básico apresentado nas escolas para atingir a realidade. Contudo, parece não haver uma rasa percepção sequer por parte dos alunos entrevistados sobre planejamento econômico futuro, como no caso de não saberem o montante que seria reunido se pudessem guardar um real por dia ao longo de vários anos. Saliente-se que os estudantes desta pesquisa sabem a importância da diversidade de investimentos, pois responderam nesse sentido. No caso da profissão por eles escolhida, percebeu-se com clareza a intenção de serem profissionais qualificados, deixando em segundo plano a questão econômica nesta escolha.

5.4 Papel da Escola na Educação Financeira

A escola deveria, segundo os alunos entrevistados, participar da educação relacionada às finanças. Houve argumentos no sentido de que, a partir do momento em que se começa a trabalhar, deve-se ter noções sobre aquilo que é descontado na folha de pagamento, como os percentuais devidos do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

Ainda deve-se salientar a aparente ausência de ensinamentos relacionados à economia nas escolas. Algumas das manifestações são apresentadas a seguir:

Acho importante, porque tem uma parte do pessoal que ainda não trabalha e não sabe como fazer o uso do dinheiro. No Ensino Médio, geralmente acho que em torno 50% já tá trabalhando e sabe como usar o dinheiro, Mas a parte que não trabalha, não sabe fazer uso direito do dinheiro. (A2)

Acho que isso deveria ser algo assim, não obrigatório, mas em algum momento na matemática, sei lá, como se fosse uma das matérias também, principalmente no primeiro ano, porque a gente vai começar a fazer um curso profissionalizante e ganhar algum dinheiro, ou fazer um estágio e ganhar algum dinheiro. É importante porque tu pega ali

o teu primeiro dinheiro e vai gastar e se aquilo ali virar um hábito tu vai acabar trabalhando, trabalhando e aquilo ali não terá nada de mais concreto, de mais positivo pra ti [...]. (A1)

Os profissionais, por sua vez, também percebem a importância que a escola deve dar e aplicar na sala de aula. Constataram que não tiveram praticamente conhecimentos na passagem pelos bancos escolares. Acreditam, dessa forma, que é necessário o desenvolvimento de informações relacionadas a investimentos, tanto dentro da Matemática quanto em outras disciplinas, como Sociologia. Sugerem inclusive algumas atividades - como *workshops* - para serem exploradas pela escola, bem como princípios de Educação Financeira que tenham abordagem de como saber economizar.

Determinado entrevistado assim se manifestou: *Assim como a escola ajuda a formar o caráter, ela deveria ajudar a formar o pensamento do jovem nessas questões, dar importância para a educação financeira.* (A1)

Por serem profissionais que atuam na área de corretagem de valores, ou seja, dentro de um setor de investimentos, os profissionais entrevistados apresentaram interessantes sugestões do que acreditam ser possível desenvolver-se nas escolas, com atividades como o jogo “Banco imobiliário”, considerando-o um excelente meio para a realização de atividades voltadas a Educação Financeira. Um dos consultores abordou aspectos desenvolvidos nas aulas de Filosofia e Sociologia, mostrando que esta tem um caráter amplo sobre a sociedade e pode ser um referencial a ser utilizado oportunamente para noções de economia.

Sabe-se que os Parâmetros Curriculares Nacionais preveem a interdisciplinaridade nas escolas. Entretanto, a realização de um mecanismo como este, na prática, é um dos questionamentos urgentes que precisam ser resolvidos pela escola, professores e agentes pedagógicos em geral, juntamente com o compromisso do Estado.

O currículo de Matemática deve procurar criar condições para que “o aluno transcenda um modo de vida restrito a um determinado espaço social e se torne ativo na transformação de seu ambiente”, conforme preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática. (2000, p. 30).

Em relação ao que deveria ser ensinado sobre finanças na escola, ainda salienta o entrevistado CF2 que princípios básicos, tais como: saber gastar

menos do que se recebe; saber o que fazer com o que sobra; e saber calcular o custo verdadeiro de um financiamento. Assim, observa ele, que quando se adquire um produto, dever-se-ia saber quanto, posteriormente, tal produto irá fazer com que os gastos se elevem. Como exemplo, citou a compra de um veículo, pois após a compra, agregam-se os gastos com seguro, combustível, manutenção e estacionamento.

No que tange ao ensino nas escolas, os profissionais entrevistados apresentam ainda alternativas como ensinar “*finanças pessoais e alternativa de investimentos*” (CF1). Apresentou-se também o propósito de se criar a cultura de poupador numa sociedade, iniciando na escola. Assim, segue a opinião de um dos sujeitos:

Eu acho que deveria ter exemplos ou mecanismos que ensinassem elas a valorizarem o que levam para escola, o alimento, sua mesada ou parte de sua mesada deveria ser guardada para o futuro, ou a importância de eles ajudarem os pais. (CF1)

Em relação ao modo de como a escola pode oportunizar ao aluno aprendizagem financeira, houve concordância com o fato de que o investimento em educação é fator primordial para garantir o futuro, especialmente no caso de esta educação relacionar-se com a cultura financeira: “*Com certeza colocar no currículo básico das escolas no Ensino Fundamental e médio ou uma cadeira que tratasse disso. Não precisa muita coisa, mas tinha que estar no currículo.*” (CF2).

Paralelamente à responsabilidade da escola, houve uma manifestação no sentido de que entidades privadas devem também assumir seu papel nesse contexto social através da difusão da cultura econômica. Dessa forma, instituições como a Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA) e a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) são essenciais para que haja esse aprimoramento econômico. Saliente-se que tais entidades poderiam atuar em conjunto com as escolas de Porto Alegre, e do resto do País, mesmo que de forma esporádica. Assim expressou-se na entrevista um corretor de valores:

A BOVESPA está com uma campanha muito interessante que é do “Quero ser sócio”, eu acho que Educação Financeira em conjunto com as próprias entidades, como a Bovespa e a CVM para difundirem essa cultura.

De acordo com o artigo “Governo institui estratégia nacional de educação financeira”, constante no site da “Gazeta Online”, o Governo Federal informou recentemente, em 23 de dezembro de 2010, que foi formalmente instituída, por meio do decreto nº 7.397, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), que tem por objetivo fortalecer a cidadania, a eficiência e a solidez do sistema financeiro nacional. De acordo com o próprio governo, a ENEF resultou de uma iniciativa do Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização (COREMEC), formado pelo Banco Central (BC), Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Superintendência Nacional de Previdência Complementar (PREVIC) e Superintendência de Seguros Privados (SUSEP).

A estratégia tem como público-alvo, adultos e alunos das escolas públicas e privadas de todo o país. A primeira iniciativa da ENEF estava em andamento desde agosto de 2010, por meio de um projeto-piloto implementado em 410 escolas da rede pública dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Tocantins, Distrito Federal e do Ceará. A coordenação desse projeto está a cargo da CVM, em parceria com diversas instituições, como o Ministério da Educação (MEC).

Interessante observar que o objetivo é ensinar crianças e adolescentes a tomarem decisões de consumo e de investimento, além de planejarem o futuro. Ademais, as escolas inseridas no programa serão monitoradas para comparação de resultados, pois também é intenção do governo entender qual será o impacto da educação financeira do estudante no seio familiar.

Em síntese, as entrevistas realizadas estabeleceram parâmetros essenciais para esse pesquisador. Relevantes aspectos foram elucidados a partir desse trabalho. Um deles foi o confronto dos dados empíricos com a fundamentação teórica desenvolvida aqui. Foi possível estabelecer confrontos a partir dos quais emergiram dados essenciais a uma complementação deste trabalho. Assim, a Educação Financeira não faz parte, ainda, da realidade educacional, como visto no corpo deste trabalho. As entrevistas dos consultores financeiros foram esclarecedoras do ponto de vista profissional, sendo que eles demonstraram não terem obtido aprendizagem relacionada à economia em salas de aula do Ensino Médio. Observam também, tais profissionais, que a Matemática pode abordar aspectos econômicos em sala de

aula, aprimorando os conhecimentos que coadunam com a sua posterior atividade econômica. Nesse sentido, é válida a afirmação de que a educação escolar precisa apresentar aspectos relacionados à economia não objetivando somente a carreira profissional, mas também a gestão individual ou familiar dos recursos financeiros dos indivíduos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando este trabalho, são apresentados alguns posicionamentos acerca do problema proposto, qual seja examinar de que modo o ensino de Matemática pode contribuir para Educação Financeira no Ensino Médio. A Matemática, como disciplina, do ponto de vista meramente formal, apresenta-se como elemento indispensável ao longo do processo educacional, sendo obrigatória em todos os currículos escolares do Ensino Fundamental e Médio. Adverte D'Ambrosio (2008) que “se ela for renovada e atualizada, ela estará com muito vigor nos sistemas escolares, pois a Matemática é a espinha dorsal da sociedade”. Assim sendo, percebe-se que existe preocupação com a aplicabilidade da Matemática, principalmente, neste estudo, reportando-se à economia financeira.

As respostas dadas pelos entrevistados foram relevantes, considerando-se a validade da Educação Financeira na formação dos jovens. Um dos aspectos merecedores de destaque foi a ausência de uma consciência financeira e a falta de relação entre Matemática e realidade, como sugerem os entrevistados.

Como Skovsmose (2006 e 2008), percebeu-se que, para o exercício da democracia ser atingido, é mister promover mudanças na área educacional.

Como ficou evidenciado entre os profissionais da área financeira, a realidade econômica, entre outros aspectos, depende daquilo que as pessoas sabem estabelecer entre a realidade e a prática, envolvendo a Matemática. Mais uma vez, Skovsmose, e sua Matemática em ação, adentram oportunamente aqui. Conforme o autor preconiza (2008, p. 56), “pode-se ver a Educação Matemática como uma preparação para o estabelecimento e a manutenção do bom funcionamento social”. A sociedade move-se por meio de homens e suas transformações. Mudanças econômicas decorrem a partir da aplicabilidade da aprendizagem no dia a dia.

A questão de a escola ser o alvo principal a ser atingido em sua responsabilidade educacional no contexto da aprendizagem financeira não exclui a relevância da presença da família no mesmo processo. Isso significa que a Matemática vinculada ao currículo atual, mesmo com previsão legal, e

conforme os entrevistados aventam, permite-se afirmar que não tem sido eficaz para os alunos do Ensino Médio. Conceitos elementares na área financeira são desconhecidos por esses jovens, conforme eles mesmos dão indícios no decorrer das entrevistas. E aqui a percepção é geral, sem estabelecer diferenças entre escolas públicas e privadas. Ambas parecem alheias aos Parâmetros Curriculares Nacionais, inclusive no que tange à interdisciplinaridade, pois não seria exclusivamente da área de Matemática a função de conectar nexos financeiros com conteúdos de aula. As áreas da História, Língua Portuguesa e Sociologia poderiam estabelecer conexões com a área financeira.

Constata-se que os estudantes não apresentam preocupação monetária relacionada com o futuro. Tais jovens já estão entrando nas universidades e não apresentam amadurecimento financeiro. Isso pode indicar uma espécie de analfabetismo financeiro nos ambientes escolares. Assim, a aprendizagem no Ensino Médio é concluída, contribuindo muito pouco para práticas diárias de economia ou finanças pessoais.

É evidente que tais mudanças relacionadas ao aspecto financeiro não podem ocorrer de um momento para o outro. Mas há de se convir que, quanto mais lenta tal mudança ocorrer, maior será o número de alunos prejudicados, e, por conseguinte, maior o número de profissionais incapazes de realizar gestão econômica familiar ou mesmo profissional. É, pois, uma problemática social.

Desse modo, os resultados desta pesquisa, apoiados nos dados empíricos oriundos de entrevistas semiestruturadas com alunos do Ensino Médio e com consultores financeiros, apontam para proposta de ações com as seguintes características: a Matemática merece estar relacionada com o cotidiano dos alunos, principalmente no que tange aos aspectos de uma Educação Financeira, como o caso de conceitos fundamentais. Além disso, o planejamento econômico futuro também pode ser um alvo a ser alcançado, pois abarcaria gestão financeira pessoal e profissional, preparando o jovem para administrar suas finanças de forma mais completa e consciente possível. Outro ponto que merece destaque é o desenvolvimento da linguagem econômica mais próxima dos jovens, possibilitando a eles mecanismos para compreender a tributação, o financiamento e o consumo em quaisquer lugares

que se encontrarem, não apenas para avaliações escolares institucionais. Acima de tudo, cabe aqui abordar a questão do conhecimento econômico não só do ponto de vista empresarial. Nesse sentido, o jovem não pode só aprender aspectos que o preparam para ser um grande empreendedor, mas também aquele aspecto que permite ao futuro empregado saber conceitos relacionados ao seu salário, seus descontos, os pequenos financiamentos de crédito, cartões de crédito e aplicação de juros. Isso evitaria surpresas para aqueles cujo conhecimento financeiro lhes foi ensinado com responsabilidade para as situações econômicas difíceis de serem superadas economicamente – se é que elas existiriam para esses indivíduos.

Os resultados sugerem outras pesquisas relacionadas a procedimentos metodológicos voltados para ampliar a compreensão acerca de conceitos matemáticos relacionados à Educação Financeira no ambiente escolar, tais como: juro, tanto simples como composto; desconto; formas de tributação; formas de compras; poupança; investimento; inflação; bolsa de valores; crédito. Esses são conceitos que devem ser explorados ao longo do processo educacional, principalmente no Ensino Médio, pois os estudantes estão prestes a sair da escola e adentrar no mercado de trabalho. Saliente-se que tais assuntos devem integrar a aprendizagem de forma dinâmica, tais como os modelos propostos por Skovsmose, para quem a cidadania crítica pode ser atingida para possibilitar desafios à autoridade instaurada numa sociedade acrescentando algo a ela. Resulta disso tudo, converter parte da Educação Matemática em Educação Financeira para que o sujeito adquira a competência de gerenciar seus recursos financeiros da forma que lhe convenha, sem se afastar de princípios éticos, planejando adequadamente o seu futuro. Isso contribuirá para a formação de cidadãos críticos, responsáveis e atuantes na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. 2 ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

ARISTÓTELES. **A Política**. 15 ed. São Paulo: Escala, s.d.

_____. **Ética a Nicômaco**. 4 ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.

Banco de España. **Plan de Educación Financiera – 2008-2012**. Disponível em: http://www.bde.es/webbde/es/secciones/prensa/Edu_Financiera_final.pdf. Acesso em: 22 mai. 2010.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 2010.

BORBA, Reneuza Marinho. **Educação para o Consumo**. Disponível em: <http://www.adocontb.org.br/index.php?codwebsite=&codpagina=00013713>. Acesso em 08 abr. 2011.

BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil** de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em: 21 jan. 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

BRASIL. Projeto de Lei da Câmara (PLC)- **Página do Senado Brasileiro**. Disponível em: http://www.senado.gov.br/sf/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=93105.

BROADCAST. Grupo de Trabalho – Estratégia Nacional de Educação Financeira Disponível em http://www.esaf.fazenda.gov.br/esafsite/educacao-fiscal/39_reuniao_gef/APRES_Bras%C3%ADli0a_enef.pdf. Acesso em 28 jan. 2011.

CNBB. CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA. Texto-Base. Brasília, Edições CNBB. 2009 Disponível em: http://www.edicoescnbb.com.br/site/files/downloads/textobase_CFE2010_web.pdf, acesso em 21 abr. 2010.

COMISIÓN NACIONAL DEL MERCADO DE VALORES. **Plan de Educación Financiera – 2008-2012**. Disponível em: http://www.bde.es/webbde/es/secciones/prensa/EdU_Financiera_final.pdf. Acesso em: 22 mai. 2010.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Do saber matemático ao fazer pedagógico: o desafio da educação**. Disponível em <http://vello.sites.uol.com.br/macae.htm>. Acesso em 03 abr. 2011.

_____. Literacy, Matheracy, and Technoracy: A Trivium for Today. **Mathematical Thinking and Learning**, 1(2), 1999, p. 131-153.

_____. Por que se ensina Matemática? Disponível em:
http://www.ciadaescola.com.br/eventos/por_que_se_ensina_matematica.pdf
 Acesso em 01 fev. 2011.

_____. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1997.

_____. Uma resenha do livro de Ole Skovsmose: Educação Crítica: Incerteza, Matemática, Responsabilidade. São Paulo: Cortez, 2007. **Bolema**, Rio Claro (SP), Ano 21, nº 29, 2008, pp. 223 a 229.

D'AQUINO, Cássia. **Educação Financeira**: como educar seus filhos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

_____. **E o que é Educação Financeira?**. Disponível em
http://www.educacaofinanceira.com.br/conteudo.asp?inicio=SIM&id_area=3.
 Acesso em 29 jan. 2011.

DINO, Daniel. **Tributação tem função socioeconômica** Disponível em:
<http://www.jusbrasil.com.br/noticias/2044620/tributacao-tem-funcao-socioeconomica>. Acesso em 08 abr. 2011.

Educação Financeira. Disponível em:
http://europa.eu/legislation_summaries/consumers/protection_of_consumers/l2_2031_pt.htm#. Acesso em 28 jan. 2011.

Educação Financeira em Pauta. Disponível em:
www.hsm.com.br/artigos/educacao-financeira-em-pauta. Acesso em 03 abr 2011.

Educação Financeira vem de casa. Jornal da Tarde. Disponível em:
<http://mainichiokane.blogspot.com>. Acesso em: 29 jan. 2011.

FLICK, Uwe. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. São Paulo: Bookman, 2007.

FUNDACIÓN LABORAL WWB EN ESPAÑA. Disponível em
<http://www.educacionfinanciera.es>. Acesso em 30 jan. 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de Administração Financeira**. 12 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

GOVERNO institui estratégia nacional de educação financeira. **Gazeta online**. Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2010/12/730453-governo+institui+estrategia+nacional+de+educacao+financeira.html. Acesso em 30 dez. 2010.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Mai-Ago 2006, Vol. 22 n.2, pp. 201-210.

HALL, Alvin. **Quem quer dinheiro?** São Paulo, Caramelo, 2009.

HAMZE, Amelia. **Escola Nova e o movimento de renovação do ensino**. Disponível em <http://www.educador.brasilecola.com/gestao-educacional/escola-nova.htm>. Acesso em 15 jan. 2011.

- KIYOSAKI, Robert; LECHTER, Sharon L. **Pai Rico Pai Pobre: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro.** 50 ed. São Paulo, Campus, 2000.
- LEMES JÚNIOR, Antônio Barбора; CHEROBIM, Paula; RIGO, Cláudio Miessa. **Administração financeira: princípios, fundamentos e práticas brasileiras.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- LIMA, Manolita Correia. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica.** 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, Gustavo Gallo. En las escuelas enseñarán finanza. **El colombiano.com.** Medellín. 25, fev., 2010. Disponível em: http://www.elcolombiano.com/BancoConocimiento/E/en_las_escuelas_ensenar_an_finanzas/en_las_escuelas_ensenaran_finanzas.asp. Acesso em 29 jan. 2011.
- MARASINI, Sandra Mara; GRANDO, Neiva Ignês. **Matemática financeira na escola e no trabalho.** In: Pesquisa em educação matemática – contribuições para o processo ensino-aprendizagem. NUNES, Terezinha et al. GRANDO, Neiva Inês (org.) Passo Fundo: UPF Editora, 2006.
- MARTINEZ, Vinício C. **Estado de Direito.** Jus Navigandi, Teresina, ano 11, n. 918, 7 jan. 2006. Disponível em: <<http://jus.uol.com.br/revista/texto/7786>>. Acesso em: 29 jan. 2011.
- MARTINS, José Pio. **Controlar finanças pessoais exige muita disciplina.** Disponível em: <http://orsitec.com.br/index.php?pg=noticias&codifo=624> . Acesso em 28 jan. 2011.
- MEDEIROS, Marilú Fontoura de et al. A Cidadania dos Brasileiros Forjada nos Bastidores. **Educação e Filosofia**, 13, jan.-jun. 1999. p. 43-58.
- MORAES, Roque; Galiazzi, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva.** Ijuí: Editora Unijuí, 2007.
- NINA, Clarissa Trojak Della [ET AL.]. **Um Currículo de Matemática em Movimento.** Ruth Portanova (org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- NUNES, Paulo. **Risco Financeiro.** Disponível em: <http://www.knoow.net/cienceconempr/contabilidade/riscofinanceiro.htm>. Acesso em 04 set. 2010.
- OCDE. **Plan de Educación Financiera – 2008-2012.** Disponível em: http://www.bde.es/webbde/es/secciones/prensa/EdU_Financiera_final.pdf. Acesso em: 22 maio 2010.
- PALMA FILHO, João Cardoso. **Cidadania e Educação.** Disponível em www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/161.pdf. Acesso em 29 jan. 2011.
- PASSOS, Caroline Mendes. **Conexões Teóricas e Práticas entre Etnomatemática e Educação Matemática Crítica.** Disponível em: http://www2.rc.unesp.br/eventos/matematica/ebiapem2008/upload/236-1-A-gt7_passos_tc.pdf. Acesso em: 10 jan. 2011.

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL. Disponível em <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>. Acesso em 29 jan. 2011.

RIO GRANDE DO SUL. Lei 11930/03, de 23 de JUNHO de 2003. Institui o Programa Estadual de Educação Fiscal – PEF/RS e dá outras providências.

Disponível em:

<http://www.educacaofiscal.rs.gov.br/template/structural/mainstructure.aspx?ContentURI=ui/public/Lei1193003>. Acesso em: 21 jan. 2011

SANTOS, Vanice dos; CANDELORO, Rosana J. **Trabalhos Acadêmicos**. Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre: AGE Editora, 2006.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. **Paradigmas da Educação Financeira no Brasil**. RAP. Rio de Janeiro, 41. Nov.-dez 2007. Disponível em www.scielo.br/pdf/rap/v41n6.pdf. Acesso em: 21 jan 2011.

SCIARRETA, Toni. **Escola: Educação Financeira no Currículo**. Disponível em www1.folha.uol.com.br/.../780001-escola-publica-inicia-projeto-de-educacao-financeira.shtml. Acesso em 08/04/2011.

Sem impostos, preço de produtos cairia até 83%. Disponível em: <http://www.oab.org.br/noticia.asp?id=3749>. Acesso em 08 abr. 2011.

SIMAS, Anna. **Educação Financeira na Ponta do Lápis**. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/ensino/conteudo.phtml?id=898640> . Acesso em 09 abr. 2011.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação Matemática Crítica: a questão da democracia**. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

_____. **Desafios da Reflexão em Educação Matemática Crítica**. São Campinas: Papirus, 2008.

SKOVSMOSE, Ole; ALRO, Helle. **Diálogo e Aprendizagem em Educação Matemática**. Trad. De Orlando Figueiredo. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VAIDERGORN, José. **Liberalismo, Cidadania Conservadora e Educação in O Direito a Ter Direitos: Polêmicas do nosso tempo**. Editora Autores Associados: 2000.

VIEIRA, Álvaro Pinto. **História das Ideias Pedagógicas**. Ática, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS- ALUNOS

APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS- ALUNOS

O objetivo da entrevista é conhecer e compreender como os alunos fazem a sua gestão financeira e como foram educados para isso.

Questões:

- 1) Como você ganha o seu dinheiro? (Você ganha mesada? Quem paga? Trabalha?)
- 2) O que você faz com ele? (Gasta todo? Guarda? Onde guarda? Tem poupança? Aplica de outro modo?)
- 3) O que você pensa em relação a poupar? Qual a sua visão sobre poupança?
- 4) Como você aprendeu sobre esse modo de pensar acerca do uso do dinheiro? (Onde e quando houve educação financeira? Na casa, na escola?)
- 5) Qual a sua posição em relação a aprender sobre dinheiro, economia, poupança na escola?
- 6) Quando o desconto em uma compra é importante?
- 7) Quais são os objetivos de ter uma profissão para você?
- 8) Você faz ideia de quanto você teria se guardasse R\$ 1,00 por dia, de agora até a sua aposentadoria?
- 9) Você, para comprar um produto, prefere guardar dinheiro e pagar à vista ou financiar em alguns meses?
- 10) O que é economizar para você?
- 11) Quanto você economiza da sua mesada (do dinheiro que você ganha)?
- 12) Quanto você economizaria do dinheiro recebido na sua profissão?
- 13) Você considera justo um vendedor de loja dizer que pode parcelar a sua compra em 6 vezes sem juros, mas não se dispõe a conceder desconto algum na sua compra à vista?
- 14) O que você acha que acontece, em geral, com pessoas sem muita instrução que ganham muito dinheiro através de loterias após alguns anos?
- 15) Os seus pais conversam com você sobre as preocupações financeiras que surgem eventualmente e como podem ser solucionadas?

- 16) Se você ganhasse uma bolada numa loteria, reservaria um percentual para ser guardado?
- 17) Que relação você vê entre a matemática e o dinheiro?
- 18) Que relação você vê entre algo que você aprendeu na escola e o dinheiro?
- 19) Que lições você recebeu em casa ou na escola sobre o que fazer com as suas economias?
- 20) De que forma a matemática, quando aplicada ao dia a dia dos pais e alunos, pode ser mais interessante?
- 21) Você sabe a diferença entre juro simples e juro composto? A poupança e o cartão de crédito usam qual dos juros?
- 22) Qual a melhor forma de se guardar dinheiro para o futuro?
- 23) O que é bolsa de valores?
- 24) O que é longo e curto prazo para você?
- 25) O que significa, com relação ao dinheiro, “nunca se deve por todos os ovos numa mesma cesta”?
- 26) Você acha que para a sua estabilidade financeira o papel mais importante é o do governo Brasileiro?
- 27) Qual é a vantagem de ter um emprego regularizado, com carteira assinada?
- 28) Quanto foi a inflação média acumulada do Brasil no último ano?
- 29) Cite duas profissões que você acha que se ganha, necessariamente, bem e duas que você acha que se ganha, necessariamente, mal.
- 30) Você, nesse momento, tem algum valor guardado numa futura compra?
- 31) O que é uma coisa cara e uma coisa barata?
- 32) Quanto tempo faz que você fez alguma doação a alguém que estivesse precisando?
- 33) Você se surpreenderia se soubesse que muitas das pessoas mais bem sucedidas em diversas localidades têm nas doações uma das suas maiores satisfações?
- 34) Você compra porque tem dinheiro ou porque está precisando?
- 35) Você tem celular? Quem paga a conta?

APÊNDICE B – ENTREVISTA 1 – ALUNO 1

APÊNDICE B – ENTREVISTA 1 – ALUNO 1

Alex - Como você ganha o seu dinheiro?

Aluno 1 - Trabalhando. Nunca ganhei mesada. Na verdade eu comecei fazer um curso profissionalizante com 14 anos, na verdade eu já tenho aí tenho dois anos de carteira assinada. Como eu já havia aprendido, e agora trabalhando também. Logo que eu saí dali, eu fiz um estágio e daí por diante.

Alex - O que você faz com ele?

A1 - Eu pago as minhas contas e, para aliviar o orçamento de casa, eu me sustento. Não digo com relação à comida e a coisas de casa. Mas se eu preciso comprar uma roupa, passagem escolar. Tudo que eu preciso para o meu dia a dia – almoço – sou eu mesma que financio.

Alex - Você gasta tudo?

A1 - Não, porque pretendo fazer intercâmbio, então guardo um pouquinho.

Alex - O que você pensa em relação a poupar?

A1 - Não tenho poupança. Acho importante, porque se tu tens um objetivo, como no meu caso, que é fazer um intercâmbio, então é impossível tu chegar, sei lá, como daqui a alguns anos e pensar “vou fazer o intercâmbio agora” aí não tem condições de fazer aquilo de imediato. Então é tudo uma questão de planejamento, tem que quanto tu vai gastar, quanto tu vai precisar, e te organizar para conseguir juntar o dinheiro para até então, ou para qualquer outro objetivo.

Alex - Qual a sua visão sobre caderneta de poupança?

A1 - O que é caderneta de poupança?

Alex - É uma conta bancária, tu vais tudo mês e guarda um pouco. E esse valor fica rendendo um pouco.

A1 - É bem interessante para quem precisa, é uma boa forma.

Alex - Como você aprendeu sobre o modo de pensar acerca do uso do dinheiro?

A1 - Não, na verdade foi mais uma coisa de minha vivência mesmo que vendo as coisas como estavam dentro de casa e o que eu podia fazer para fazer a partir do que eu tinha. Meus pais tenham me auxiliado em alguns momentos. Nada tão decisivo quanto a minha própria iniciativa, então eu sempre procurei saber o que tava acontecendo financeiramente dentro de casa e com eu podia fazer para ajudar na situação.

Alex - Teve alguma coisa na escola voltada para a gestão financeira?

A1 - Na escola não; quando fiz o SENAI, de vez em quando em algumas aulas que falavam sobre isso, mas não muito... como periódica; esporadicamente numa aula. Na época de ensino fundamental a gente teve alguns cursos da *Junior activement* e foram bem interessantes, pois eram direcionados para isso, a gente até calculava o que a gente gastava com aluguel. Aquele curso foi bem interessante.

Alex - Qual a sua posição em relação a aprender sobre dinheiro, economia, poupança na escola?

A1 - Acho que isso deveria ser algo assim, não obrigatório, mas em algum momento na matemática, sei lá, como se fosse uma das matérias também, principalmente no 1º ano porque a gente vai fazer um estágio profissionalizante, ou fazer um estágio e ganhar algum dinheiro. É importante porque tu pega teu 1º dinheiro e vai receber e se aquilo ali virar um hábito tu vai acabar trabalhando e não terá nada de mais concreto, deveria ter certa obrigatoriedade.

Alex - Quando o desconto é importante?

A1 - Na realidade, às vezes sim, tudo depende, desconto às vezes vem da pechincha. Eu já prefiro; só que são raras às vezes em que eu pechincho, Só se...eu dou uma pesquisada nos preço e não adianta, comprar uma coisa barata que vai sair muito mais cara. E planejar aquilo ali, ter uma coisa mais

razoável e ir juntando. Aí eu penso: tenho três meses para comprar essa coisa, se à vista é mais barato. Então eu posso ir juntando e dar à vista, sai bem mais em conta do que a prazo. Tudo é relativo.

Eu, particularmente falando, agora vou prestar vestibular para relações internacionais. Eu não tenho certeza da profissão que eu quero seguir, mas eu sei que é nessa área, então ali as disciplinas envolvidas são justamente aquelas que mais que eu vi, são as que me interessam.

Alex - Você faz ideia de quanto você teria se guardasse R\$ 1,00 por dia de agora até a sua aposentadoria?

A1 - Nunca questionei isso, mas acho que daria um bom dinheiro.

Alex - Você vê a taxa de juros das compras?

A1 - Vejo a taxa de juros, faz parte de pesquisar quando é uma coisa que eu vejo.

Alex - Quanto você acha que se deve guardar para economizar?

A1 - Se tiver assim um objetivo, ou dependendo de quanto tu pode guardar, mas vai depender do mês, 10 por cento é um valor bom, mas 5 por cento acho que dá para economizar.

Alex - Você, para comprar um produto, prefere guardar dinheiro e pagar à vista ou financiar em alguns meses?

A1 - Eu acho que à vista é mais em conta até mesmo para própria loja.

Alex - O que você acha que acontece, em geral, com pessoas sem muita instrução que ganham muito dinheiro através de loterias após alguns anos?

A1 - A pessoa nunca teve a disponibilidade de dinheiro, e o leque que o dinheiro dá – viajar para qualquer lugar, comprar o que eu quiser, a situação de poder, de o mundo ser meu, acaba que as pessoas não se dão conta, acabam gastando, não pensam nem na quantidade que estão gastando, não pensam em investir de repente em alguma coisa que vai... simplesmente ganhei um milhão e tenho um milhão para gastar, não de repente 20 mil para eu gastar

numa coisa, 30 mil para investir em outra... É o que acontece, a pessoa se deslumbra e vai.

Alex - Os seus pais conversam com você sobre as preocupações financeiras que surgem eventualmente e como podem ser solucionadas?

A1 - Eu às vezes percebia o que estava acontecendo, mas assim, ali, dizendo quando eu comecei a ganhar o meu dinheiro que eu fui ganhar o meu dinheiro e também na medida em que eu ia amadurecendo, também não adiantava porque para uma criança de 10 anos que eu não ia entender, por exemplo, não ganhando dinheiro a gente não sabe o valor dele. Que nem agora esse ano: meu irmão começou a sei lá, até então o dinheiro dele era o que a gente dava para ele. Mas aí quando ele tem o próprio dinheiro, e os próprios compromissos, sei lá tem que pagar o boné que ele comprou, o tênis que ele comprou, aí se tem aquela visão diferente de como é o dinheiro: não é só aquela coisa que vem na mão, que teu pai vem te dando, tem que suar para ganhar, fazer uma compra, pagar uma conta, então é a consciência.

Alex - Que relação você vê entre algo que você aprendeu na escola e o dinheiro?

A1 - Toda relação porque tu precisas da matemática para ti controlar o dinheiro, para saber o quanto tá ganhando, de onde tu tá ganhando, se estão te descontando o INSS, quanto é porque, o percentual daquilo, se é justo por aquilo ali. Então, relação total.

Alex - De que forma a matemática, quando aplicada ao dia a dia dos pais e alunos, pode ser mais interessante?

A1 - Com certeza, se a gente uma aula, evidenciando, se a gente tá aprendendo determinada matéria, aí o professor chega e “olha quando vocês estiverem calculando a base do salário de vocês”, “vocês podem aplicar aquilo de tal forma”, vai ser muito mais interessante. Daí não estuda só para fazer uma prova porque tem que passar de ano. Tu tá estudando uma coisa que vai ser para a vida inteira, vai ser útil, por muito tempo. Infelizmente não é o que a gente vê acontecendo.

Alex - Você sabe a diferença entre juro simples e juro composto? A poupança e o cartão de crédito usam qual dos juros?

A1 - Não sei e não aprendi.

Alex - O que é longo e curto prazo para você?

A1 - Longo prazo é quando não sei... Eu faço um plano, por exemplo, para fazer uma viagem daqui a 10 anos é algo que eu vou levar mais tempo para alcançar aquele objetivo, que eu vou ter um trabalho durante esse período até conseguir chegar lá, eu faço um plano e...

Alex - O que significa, com relação ao dinheiro, “nunca se deve por todos os ovos numa mesma cesta”?

A1 - Não se deve fazer um investimento, investir todo teu dinheiro, sei lá, uma parte significativa dele, numa única coisa, porque pode não dar certo. Por exemplo, tu vai investir nas ações, de uma empresa. Tu ganhaste na loteria, daí tu ganhaste 1 milhão, tu investes 900 mil naquilo ali e quando vê, quebra tudo. Aí é um baita de um dinheiro que tu perdeste. É bom investir em várias áreas.

Alex - Você acha que para a sua estabilidade financeira o papel mais importante é o do governo Brasileiro?

A1 - Da própria pessoa, com certeza, o governo, a gente nunca sabe o que pode acontecer, a gente pode tentar prever. Mas, o importante é a pessoa ter iniciativa.

Alex - Quanto foi a inflação média acumulada do Brasil no último ano?

A1 - Não sei. 5 por cento, acho. Eu já tinha ouvido falar, mas eu não lembrava o valor.

Alex - Cite duas profissões que você acha que se ganha, necessariamente, bem e duas que você acha que se ganha, necessariamente, mal.

A1 - Financeiramente, se a pessoa tiver oportunidade de ser um empresário, de poder fazer um investimento em uma empresa,... com certeza vai ser bem sucedida. O empresário é uma pessoa bem sucedida. Quem mais? Eu acho

que um professor de ensino superior, ou um médico da área particular, não médico na área pública. Eu acho assim: as pessoas que trabalham na área privada, de um modo geral, tem possibilidade de ter um dinheiro maior ou ser político, se candidatar a deputado, vereador, porque ganha um bom dinheiro.

Alex - O que é uma coisa cara e uma coisa barata?

A1 - Eu acho que é bem mais simples que isso. Para mim, feijão é caro porque o preço, conforme inflaciona, o preço varia muito. Tem coisas que, quando eu era menor, custava a metade do que custa hoje. Eu acho que assim o alimento e todo aquele material que a gente usa mesmo, o básico, alimentação, isso já tem o preço caro. Barato – álcool, cigarro. Eu acho que para os malefícios que isso traz que posteriormente agente vai acabar gastando. Uma pessoa começou a beber, aí. Ficou com as drogas mais pesadas, acabou matando, e a gente vai acabar mantendo na prisão. Então, esse tipo de coisa que traz malefícios para a sociedade é barato demais. E então a gente paga depois.

Alex - Quanto tempo faz que você fez alguma doação a alguém que estivesse precisando?

A1 - Já emprestei, a última vez acho que foi ontem, foi esta semana, ontem ou anteontem.

Alex - Você compra porque tem dinheiro ou porque está precisando?

A1 - Na verdade isso depende da pessoa, porque se ela realmente tem muito dinheiro nada mais justo do que ela sei lá, comprar um carro mais carro só porque é mais bonito e não porque ela esteja precisando, sei lá de repente ajudando, alguém que esteja precisando muito, que não tenha alternativa.

APÊNDICE C – ENTREVISTA 2 – ALUNO 2

APÊNDICE C – ENTREVISTA 2 – ALUNO 2

Alex - Como você ganha o seu dinheiro?

Aluno 2 - Eu trabalho. Não ganho mesada.

Alex - O que você faz com ele?

A2 - Procuo guardar uma parte se precisar e eu gasto naquilo que vai me trazer um benefício.

Alex - Você gasta tudo?

A2 - Guardo alguma coisa.

Alex - Onde?

A2 - Guardo comigo mesmo, na verdade.

Alex - O que você pensa em relação a poupar?

A2 - Acho importante, porque quando tu precisar, tu sabe pode contar com isso.

Alex - Como você aprendeu sobre o modo de pensar acerca do uso do dinheiro?

A2 - Eu aprendi um pouco sozinho e um pouco em casa.

Alex - Qual a sua posição em relação a aprender sobre dinheiro, economia, poupança na escola?

A2 - Tive um primeiro no colégio, tive um primeiro porque uma vez no colégio na 5ª e 6ª serie... Eles falaram sobre educação financeira...

Alex - É importante o uso do dinheiro na escola?

A2 - Acho importante, porque tem uma parte do pessoal que ainda não trabalha e não sabe como fazer o uso do dinheiro. No ensino médio, geralmente acho que em torno 50% já tá trabalhando e sabe como usar o dinheiro, mas a parte não trabalha, não sabe fazer uso direito do dinheiro.

Alex - Quando o desconto é importante?

A2 - Se eu vejo que tenho condições, eu peço desconto, porque é importante.

Alex - Quais são os objetivos de uma profissão para você?

A2 - Vejo numa profissão que eu goste, porque acho que não me agradaria estar numa profissão só pelo salário, porque isso iria acabar afetando na produtividade... Eu ia acabar me atrapalhando.

Alex - Você faz ideia de quanto você teria se guardasse R\$ 1,00 por dia, de agora até a sua aposentadoria?

A2 - Não cheguei a pensar nisso. Mas já li várias vezes na superinteressante uma matéria sobre isso.

Alex - Você, para comprar um produto, prefere guardar dinheiro e pagar à vista ou financiar em alguns meses?

A2 - Se o produto não for de uma urgência, eu vou guardando o dinheiro para poder comprar a vista.

Alex - Você vê a taxa de juros?

A2 - Procuo um pouco e vejo o que tem menos taxa.

Alex - O que é economizar para você?

A2 - É guardar para uma hora de aperto.

Alex - Quanto você economiza da sua mesada (do dinheiro que você ganha)?

A2 - Uns vinte por cento.

Alex - Você considera justo um vendedor de loja dizer que pode parcelar a sua compra em 6 vezes sem juros, mas não se dispõe a conceder desconto algum na sua compra à vista?

A2 - Isso já me aconteceu, mas não foi em 6 vezes. Depois eu fiquei pensando que...

Alex - O que você acha que acontece, em geral, com pessoas sem muita instrução que ganham muito dinheiro através de loterias após alguns anos?

A2 - Porque a pessoa nunca economizou, então vai comprar coisas inúteis. Porque as pessoas não foram acostumadas com o dinheiro.

Alex - Que relação você vê entre a matemática e o dinheiro?

A2 - Tem relação, dinheiro é número. Vejo alguma relação sim.

Alex - Você sabe a diferença entre juro simples e juro composto? A poupança e o cartão de crédito usam qual dos juros?

A2 - Já tentaram me explicar, mas eu acabei não entendendo.

Alex - Qual a melhor forma de se guardar dinheiro para o futuro?

A2 - Em minha opinião um pouco de investimento.

Alex - O que é bolsa de valores?

A2 - Bolsa de valores eu vou ter ações, e está no papel.

Alex - O que é longo e curto prazo para você?

A2 - Um, dois anos, mais ou menos.

Alex - O que significa, com relação ao dinheiro, “nunca se deve por todos os ovos numa mesma cesta”?

A2 - Isso, o ideal é não investir tudo numa mesma coisa, porque se uma coisa não der certo...

Alex - Você acha que para a sua estabilidade financeira o papel mais importante é o do governo Brasileiro?

A2 - Os dois, o governo pode oferecer estabilidade, mas eu não conseguir fazer bom uso do meu dinheiro.

Alex - Quanto foi a inflação média acumulada do Brasil no último ano?

A2 - Acho que por voltas de 6,5%, mais ou menos.

Alex - Cite duas profissões que você acha que se ganha, necessariamente, bem e duas que você acha que se ganha, necessariamente, mal.

A2 - Gerente de banco e diretor de uma empresa.

Alex - Quanto tempo faz que você fez alguma doação a alguém que estivesse precisando?

A2 - Uns três, quatro meses.

Alex - Você se surpreenderia se soubesse que muitas das pessoas mais bem sucedidas em diversas localidades têm nas doações uma das suas maiores satisfações?

A2 - Tem outras que acabam doando.

Alex - Você compra porque tem dinheiro ou porque está precisando?

A2 - Porque tenho dinheiro e outras vezes porque preciso. Primeiro vejo...

APÊNDICE D – ENTREVISTA 3 – ALUNO 3

APÊNDICE D – ENTREVISTA 3 – ALUNO 3

Alex - Como você ganha o seu dinheiro?

Aluno 3 - A mãe é que me dá.

Alex - O que você faz com esse dinheiro?

A3 - Eu compro o que eu preciso, depende.

Alex - Tu guardas algum valor?

A3 - Guardo, é difícil, mas eu guardo.

Alex - Como você aprendeu sobre esse modo de pensar acerca do uso do dinheiro?

A3 - Mais em casa.

Alex - Qual a sua posição em relação a aprender sobre dinheiro, economia, poupança na escola?

A3 - Eu acho importante, não na escola, em casa é importante.

Alex - Quando você vai comprar alguma coisa, você pede desconto?

A3 - Eu acho importante, eu peço.

Alex - Quais são os objetivos de ter uma profissão para você?

A3 - Muito importante.

Alex - Para quê?

A3 - Para viver, para ter dinheiro.

Alex - Você faz ideia de quanto você teria se guardasse R\$ 1,00 por dia, de agora até a sua aposentadoria?

A3 - Seria muito dinheiro.

Alex - Você, para comprar um produto, prefere guardar dinheiro e pagar à vista ou financiar em alguns meses?

A3 - Sempre à vista, Prefiro pagar à vista.

Alex - Quando compra à prestação você vê a taxa de juros?

A3 - Não, não sou de ver isso.

Alex - O que é economizar para você?

A3 - Economizar é pesquisar, ver o preço mais barato.

Alex - Quanto você economiza da sua mesada?

A3 - Eu economizo sim.

Alex - Qual a frequência que você pede desconto quando vai comprar numa loja à vista?

A3 - É bem raro eu pedir desconto.

Alex - Você considera justo um vendedor de loja dizer que pode parcelar a sua compra em 6 vezes sem juros, mas não se dispõe a conceder desconto algum na sua compra à vista?

A3 - Eu acho errado.

Alex - O que você acha que acontece, em geral, com pessoas sem muita instrução que ganham muito dinheiro através de loterias após alguns anos?

A3 - Porque não soube investir dinheiro, gastou tudo e não soube usar o dinheiro que ganhou.

Alex - Teus pais conversam contigo sobre o dinheiro, as dificuldades?

A3 - Sim. Minha mãe.

Alex - Que relação você vê entre a matemática e o dinheiro?

A3 - Muita.

Alex - Qual?

A3 - Dinheiro tem tudo a ver com matemática, juros.

Alex - Que relação você vê entre algo que você aprendeu na escola e o dinheiro?

A3 - Sim.

Alex - Você sabe a diferença entre juro simples e juro composto?

A3 - Não.

Alex - O que é longo e curto prazo para você?

A3 - É o que não é pra já.

Alex - Você acha que para a sua estabilidade financeira o papel mais importante é o do governo Brasileiro?

A3 - As minhas atitudes.

Alex - O que é bolsa de valores?

A3 – Não sei.

Alex - Quanto foi a inflação média acumulada do Brasil no último ano?

A3 - Não sei.

Alex - Cite duas profissões que você acha que se ganha, necessariamente, bem e duas que você acha que se ganha, necessariamente, mal.

A3 - Medicina, Direito. Professor.

Alex - Você, nesse momento, tem algum valor guardado numa futura compra?

A3 - Ainda não.

Alex - O que é uma coisa cara e uma coisa barata?

A3 - Que eu não posso comprar. Que eu posso comprar.

Alex - Você se surpreenderia se soubesse que muitas das pessoas mais bem sucedidas em diversas localidades têm nas doações uma das suas maiores satisfações?

A3 - Quem tem dinheiro tem que ajudar os outros.

APÊNDICE E – ENTREVISTA 4 – ALUNO 4

APÊNDICE E – ENTREVISTA 4 – ALUNO 4

Alex - *Como você ganha o seu dinheiro? (Você ganha mesada? Quem paga? Trabalha?).*

Aluno 4 - Mesada. Não trabalho.

Alex - *Como você aprendeu sobre esse modo de pensar acerca do uso do dinheiro?*

A4 - Meu pai. Meus dois pais são muito preocupados com poupar dinheiro

Alex - *Gasta todo?*

A4 - Se eu conseguir sim, mas geralmente, é como eu tenho que gastar... Não dá.

Alex - *Tem poupança?*

A4 - Sim.

Alex - *Outro modo de economizar?*

A4 - Não.

Alex - *O que você pensa em relação a poupar?*

A4 - Acho que é a melhor ideia, afinal depois, em qualquer emergência que precise.

Alex - *O que é Caderneta de poupança?*

A4 - Não sei

Alex - *Qual a sua posição em relação a aprender sobre dinheiro, economia, poupança na escola?*

A4 - Acho importante, porque se a escola desse alguma coisa relacionado a isso, talvez pudesse preparar assim, porque daqui a pouco a gente vai estar na ... dentro de casa...

Teria muito, certamente. É uma boa ideia, aliás.

Alex - *Você, para comprar um produto, prefere guardar dinheiro e pagar à vista ou financiar em alguns meses?*

A4 - Guardar e pagar a vista.

Alex - *Você vê a taxa de juros?*

A4 - Vou ver se vale a pena ou não, dependendo dos juros.

Alex - *O que é economizar para você?*

A4 - Acho que não comprar quase tudo, o que não precisa. Só gastando nas coisas necessárias, comprando alguma coisinha...

Alex - *Quanto você economizaria do dinheiro recebido na sua profissão?*

A4 - Claro. Se eu pudesse 10 por cento, 5.

Alex - *Você pede desconto em uma compra?*

A4 - Cem por cento das vezes.

Alex - *Você considera justo um vendedor de loja dizer que pode parcelar a sua compra em 6 vezes sem juros, mas não se dispõe a conceder desconto algum na sua compra à vista.*

A4 - Acho horrível.

Alex - *O que você acha que acontece, em geral, com pessoas sem muita instrução que ganham muito dinheiro através de loterias após alguns anos?*

A4 - Certamente não têm muito experiência, acabam gastando tudo.

Alex - *Que relação você vê entre a matemática e o dinheiro?*

A4 - Tem que saber, pela matemática, o que vai precisar economizar, para poder gastar.

Alex - *Que relação você vê entre algo que você aprendeu na escola e o dinheiro?*

A4 - Só a parte de matemática básica mesmo, dentro da economia não.

Alex - *De que forma a matemática, quando aplicada ao dia-a-dia dos pais e alunos, pode ser mais interessante?*

A4 - Por isso que eu odeio Matemática, o que vou saber é quando tenho que comprar. Quanto posso gastar ou não.

Alex - *Você sabe a diferença entre juro simples e juro composto?*

A4 - Aprendi, mas não me lembro.

Alex - *O que é bolsa de valores?*

A4 - Algo que tu investes e, dependendo do resultado da bolsa, tu podes ter algum retorno algum dia.

Alex - *O que é longo e curto prazo para você?*

A4 - Longo prazo é sei lá, 10 anos.

Alex - *O que significa, com relação ao dinheiro, “nunca se deve por todos os ovos numa mesma cesta”?*

A4 - Acho que não deve apostar num investimento só.

Alex - *Você acha que para a sua estabilidade financeira o papel mais importante é o do governo Brasileiro?*

A4 - Os meus atos.

Alex - *Qual é a vantagem de ter um emprego regularizado, com carteira assinada?*

A4 - Acho que você ter, como a aposentadoria.

Alex - *Quanto foi a inflação média acumulada do Brasil no último ano?*

A4 - Não tenho nem ideia.

Alex - *Cite duas profissões que você acha que se ganha, necessariamente, bem e duas que você acha que se ganha, necessariamente, mal.*

A4 - Engenheiro Civil e Medicina. Eu não acredito nisso, porque não existe.. Vai depender da tua força de vontade, talento, não tem vai ganhar certo bem ou mal.

Alex - *O que é uma coisa cara e uma coisa barata?*

A4 - Um carro é uma coisa cara. Barata, muitas coisas, um almoço.

Alex - *Quanto tempo faz que você fez alguma doação a alguém que estivesse precisando?*

A4 - Várias vezes.

Alex - *Você compra porque tem dinheiro ou porque está precisando?*

A4 - Os dois.

Alex - *Você tem celular? Quem paga a conta?*

A4 - A conta não pago, e o aparelho ganhei de graça.

APÊNDICE F – ENTREVISTA 5 – ALUNO 5

APÊNDICE F – ENTREVISTA 5 – ALUNO 5

Alex - Como você ganha o seu dinheiro? (Você ganha mesada? Quem paga? Trabalha?).

Aluno 5 - Ganho uma mesada que vai direto da conta da minha mãe para mim.

Alex - O que você faz com ele?

A5 - Procuo guardar um pouco, só que, quando aperta tenho que..., eu não gosto de pedir dinheiro para minha mãe, então tento me manter com essa mesada aí, e quando preciso muito peço, senão não.

Alex - Você tem alguma poupança?

A5 - Creio que não, porque ela nunca me falou nada, tenho só a mesada.

Alex - O que você pensa em relação a poupar? Qual a sua visão sobre poupança?

A5 - É muito importante poupar. Tudo relacionado à poupança a garantir um futuro melhor eu acho muito importante.

Alex - Como você aprendeu sobre esse modo de pensar acerca do uso do dinheiro?

A5 - Aprendi em casa. E que nem eu – eu morava só com minha mãe – aí eu tinha o meu dinheiro. E não podia gastar mais do que tinha, não podia exceder. E quando excedia sabia que não daria para minha economia. Na escola não.

Alex - Qual a sua posição em relação a aprender sobre dinheiro, economia, poupança na escola?

A5 - Muito importante, além de tu saber onde vai usar a teoria, tu também vais adquirir mais responsabilidade.

Alex - Quando o desconto em uma compra é importante?

A5 - Depende da situação, tem muitas marcas aí que se vale a pena tu pagar, do que uma que está com desconto ou em promoção, porque a durabilidade dela é melhor, aí depende.

Alex - Quais são os objetivos de ter uma profissão para você?

A5 - Primeiramente me sentir bem no que tô fazendo, ter uma estabilidade financeira considerável.

Alex - Você faz ideia de quanto você teria se guardasse R\$ 1,00 por dia, de agora até a sua aposentadoria?

A5 - Não tenho nem noção.

Alex - Você, para comprar um produto, prefere guardar dinheiro e pagar à vista ou financiar em alguns meses?

A5 - Quando é com meu, prefiro guardar e comprar a ter que financiar.

Alex - O que é economizar para você?

A5 - Economizar é, como eu falei, certos produtos tu comprar, sabendo que ele vai durar e ter um retorno esperado.

Alex - Quanto você economiza da sua mesada (do dinheiro que você ganha)?

A5 - Sim, 20% do que eu ganhar.

Alex - Você ou sua família pedem desconto quando compram?

A5 - Sempre pedem desconto.

Alex - Você considera justo um vendedor de loja dizer que pode parcelar a sua compra em 6 vezes sem juros, mas não se dispõe a conceder desconto algum na sua compra à vista?

A5 - Não considero justo.

Alex - O que você acha que acontece, em geral, com pessoas sem muita instrução que ganham muito dinheiro através de loterias após alguns anos?

A5 - Como eu falei, sobe à cabeça e parece que tem um...

Alex - Se você ganhasse uma bolada numa loteria, reservaria um percentual para ser guardado?

A5 - Acho que guardaria mais que 50%, aplicaria.

Alex - Que relação você vê entre a matemática e o dinheiro?

A5 - Acho que sim, se não for a Matemática, acho que não existe como tu calculares quando tu tens ou quanto tu deves.

Alex - Que lições você recebeu em casa ou na escola sobre o que fazer com as suas economias?

A5 - Mínimo.

Alex - Que lições você recebeu em casa ou na escola sobre o que fazer com as suas economias?

A5 - Sempre o que me falaram é nunca gastar mais do que tu tem, nunca acumular dívidas.

Alex - De que forma a matemática, quando aplicada ao dia-a-dia dos pais e alunos, pode ser mais interessante?

A5 - Muito. Muito.

Alex - Você sabe a diferença entre juro simples e juro composto? A poupança e o cartão de crédito usam qual dos juros?

A5 - É o que eu acho. Juro simples é o que tu gasta sem formar um montante, sem tu deixar uma coisa em cima de outra.

Alex - Qual o tipo de juros que a poupança e o cartão de crédito cobram?

A5 - A poupança deve ser por juro composto e o cartão juros simples.

Alex - Qual a melhor forma de se guardar dinheiro para o futuro?

A5 - Acredito que uma poupança.

Alex - O que é bolsa de valores?

A5 - É um monte de gente lá... E já ouvi falar que é por aí.

Alex - O que é longo e curto prazo para você?

A5 - Longo prazo é que dura mais de um ano, dois.

Alex - O que significa, com relação ao dinheiro, “nunca se deve por todos os ovos numa mesma cesta”?

A5 - Nunca se deve, sei lá, gastar exagerado, não tendo um planejamento para teu futuro.

Alex - Você acha que para a sua estabilidade financeira o papel mais importante é o do governo Brasileiro?

A5 - A maioria da porcentagem é como eu devo planejar o meu futuro, mas eu acho que o governo também deveria melhorar e investir mais. Dar uma orientação para quem não tem.

Alex - Qual é a vantagem de ter um emprego regularizado, com carteira assinada?

A5 - A vantagem é que se tem um salário fixo, normalmente e te dá mais estabilidade para tua família, qualquer que seja o objetivo.

Alex - Quanto foi a inflação média acumulada do Brasil no último ano?

A5 - Acho que 10%

Alex - Cite duas profissões que você acha que se ganha, necessariamente, bem e duas que você acha que se ganha, necessariamente, mal.

A5 - Futuramente as que tão faltando no mercado como engenharia, médico sempre vai ter grande importância. Administração porque acho que tá muito saturado o mercado e alguma coisa relacionada à pesquisa de uma área que tem muita gente no mercado e tu sabe que daqui a dez anos vai ter a mesma demanda.

Alex - Você, nesse momento, tem algum valor guardado numa futura compra?

A5 - Não.

Alex - O que é uma coisa cara e uma coisa barata?

A5 - Coisa que tá além do meu dinheiro. Coisa bem pesquisada, um produto bem pesquisado que tu sabe que vai vender, bem investido.

Alex - Quanto tempo faz que você fez alguma doação a alguém que estivesse precisando?

A5 - Essa semana.

Alex - Você se surpreenderia se soubesse que muitas das pessoas mais bem sucedidas em diversas localidades têm nas doações uma das suas maiores satisfações?

A5 - Me surpreenderia, porque tirando quem veio de família humilde, porque acho que tem várias famosas que sobe à cabeça a fama e que se esquece de onde veio.

Alex - Você compra porque tem dinheiro ou porque está precisando?

A5 - Na maioria das vezes, porque estou precisando.

Alex - Você tem celular? Quem paga a conta?

A5 - Tenho celular. Meu celular já pago, com meu dinheiro.

APÊNDICE G – ENTREVISTA 6 – ALUNO 6

APÊNDICE G – ENTREVISTA 6 – ALUNO 6

Alex - *Como você ganha o seu dinheiro?*

Aluno 6 - Eu vou arrecadando aos poucos, vou pedindo, migalha por migalha.

Alex - *O que você faz com ele?*

A6 - Eu não posso dizer que eu guardo todo, mas guardo o melhor possível.

Alex - *Onde você guarda?*

A6 - Tenho uma poupança.

Alex - *O que você pensa em relação a poupar?*

A6 - Acho importante que é um modo de planejamento para o futuro.

Alex - *Como você aprendeu sobre esse modo de pensar acerca do uso do dinheiro?*

A6 - Aprendi um pouco na escola, e um pouco em casa, a principal parte foi em casa.

Alex - *Qual a sua posição em relação a aprender sobre dinheiro, economia, poupança na escola?*

A6 - Eu acho importante, porque isso interfere em muitos momentos de nossa vida, então é importante ter ao menos uma noção sobre isso.

Alex - *Você pede desconto em uma compra?*

A6 - Sinceramente não.

Alex - *Quais são os objetivos de ter uma profissão para você?*

A6 - Garantir um futuro, mas sempre fazendo alguma coisa que goste, não trabalhar só por obrigação.

Alex - *Você faz ideia de quanto você teria se guardasse R\$ 1,00 por dia, de agora até a sua aposentadoria.*

A6 - Ideia não, não saberia.

Alex - *Você, para comprar um produto, prefere guardar dinheiro e pagar à vista ou financiar em alguns meses?*

A6 - Eu prefiro guardar dinheiro e pagar à vista.

Alex - *Você olha a taxa de juros quando compra a prazo?*

A6 - Não olho não.

Alex - *O que é economizar para você?*

A6 - Economizar é a gente fazer ter o dinheiro um rendimento maior, para guardar dinheiro para o futuro.

Alex - *Quanto você economizaria do dinheiro recebido na sua profissão?*

A6 - *Depende se tivesse que sustentar a alguém, se fosse só sustentar a mim, 3, 4 mil reais acho que daria tranquilamente.*

Alex - *Você considera justo um vendedor de loja dizer que pode parcelar a sua compra em 6 vezes sem juros, mas não se dispõe a conceder desconto algum na sua compra à vista?*

A6 - Eu acho justo porque tu vais pagar mais para ter os produtos.

Alex - *O que você acha que acontece, em geral, com pessoas sem muita instrução que ganham muito dinheiro através de loterias após alguns anos?*

A6 - Justamente pelo fato de as pessoas não terem essa instrução, então saem gastando tudo sem pensar lá na frente.

Alex - *Se você ganhasse uma bolada numa loteria, reservaria um percentual para ser guardado?*

A6 - Investiria num previdência, algo desse tipo.

Alex - *Que relação você vê entre a matemática e o dinheiro?*

A6 - Os números estão juntos na Matemática Financeira.

Alex - *Que relação você vê entre algo que você aprendeu na escola e o dinheiro?*

A6 - Diretamente não vi.

Alex - *De que forma a matemática, quando aplicada ao dia-a-dia dos pais e alunos, pode ser mais interessante?*

A6 - Ah! Sim, com certeza, porque possibilita envolver mais senão seria aquela coisa, não é chata, mas tu tens que resolver os problemas, não sabendo do que se trata.

Alex - *Você sabe a diferença entre juro simples e juro composto? A poupança e o cartão de crédito usam qual dos juros?*

A6 - Não. Não.

Alex - *Qual a melhor forma de se guardar dinheiro para o futuro?*

A6 - Acho que a melhor forma de guardar dinheiro para o futuro é investir em ações ou em previdência, títulos de investimentos.

Alex - *O que é bolsa de valores?*

A6 - Serve para investir na empresa e a estratégia é que, na verdade, que elas vão se valorizando,

Alex - *O que é longo e curto prazo para você?*

A6 - Não saberia como explicar.

Alex - *O que significa, com relação ao dinheiro, “nunca se deve por todos os ovos numa mesma cesta”?*

A6 - Ao investir na bolsa de valores não se deve investir tudo num só caminho, tem que, ou pode dar muito certo ou pode dar muito errado, mas a probabilidade de dar muito errado é muito maior que dê certo.

Alex - *Qual é a vantagem de ter um emprego regularizado, com carteira assinada?*

A6 - Eu vejo como sendo mais vantajoso do que sendo um trabalhador autônomo, embora quando tu tens, carteira assinada tu tens teu emprego garantido. Quando tu és autônomo tu já... Bom, tem suas vantagens.

Alex - *Quanto foi a inflação média acumulada do Brasil no último ano?*

A6 - Parece que 8%.

Alex - *Cite duas profissões que você acha que se ganha, necessariamente, bem e duas que você acha que se ganha, necessariamente, mal.*

A6 - Engenharia química e engenharia civil. Agora não consegui me lembrar.

Alex - *Você, nesse momento, tem algum valor guardado numa futura compra?*

A6 - Digamos que sim. Há não muito tempo.

Alex - *O que é uma coisa cara e uma coisa barata?*

A6 - Cara é alguma coisa eu exceda aos custos que a gente possa pagar.

Alex - *Quanto tempo faz que você fez alguma doação a alguém que estivesse precisando?*

A6 - Não sei.

Alex - *Você se surpreenderia se soubesse que muitas das pessoas mais bem sucedidas em diversas localidades têm nas doações uma das suas maiores satisfações?*

A6 - Não me surpreenderia, porque o dinheiro é algo material as pessoas são acima disso.

Alex - *Você compra porque tem dinheiro ou porque está precisando?*

A6 - Um pouco dos dois, na maioria das vezes, porque tenho dinheiro, não porque esteja precisando, é porque eu tenho dinheiro.

Alex - *Você tem celular? Quem paga a conta?*

A6 - Tenho celular, meu pai paga.

**APÊNDICE H - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS- CONSULTORES
FINANCEIROS**

APÊNDICE H - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS- CONSULTORES FINANCEIROS

O objetivo desta entrevista é conhecer e compreender o que pensam os consultores financeiros sobre como deve ser a educação financeira das pessoas desde a infância/adolescência.

Questões:

- 1) Qual a importância de as pessoas pouparem?
- 2) Onde e quando as pessoas devem aprender sobre isso?
- 3) Qual o papel da família na educação financeira?
- 4) Qual o papel da escola nessa educação?
- 5) Que sugestões você daria para uma educação financeira na escola? Como deveria ser a educação financeira na escola?
- 6) O que é Bolsa de Valores?
- 7) O que é corretora de valores?
- 8) Qual o perfil do pessoal que procura a corretora de valores?
- 9) Qual a motivação de leva tais pessoas a procurar a Bolsa como investimento?
- 10) O que as pessoas sabem a respeito da Bolsa quando chegam pela primeira vez?
- 11) Por que você acha que as pessoas têm esse comportamento?
- 12) O que mais atrai as pessoas para fazer um investimento na Bolsa de Valores?
- 13) Qual o rendimento médio no último ano na Bolsa de Valores?
- 14) O que é curto, médio e longo prazo para um aplicador da Bolsa de valores?
- 15) O que você acredita de deva ser feito para as pessoas saberem mais sobre a aplicação na Bolsa de Valores?
- 16) Qual a relação que você percebe existir (se existe) entre a Matemática os modos de investimento?
- 17) Qual a relação você encontra naquilo que aprendeu na escola (Ensino Médio e/ou faculdade) em Matemática e na vida?

- 18) O que e quando você aprendeu algo na escola (e/ou faculdade) sobre investimentos?
- 19) Qual a aprendizagem que sua família lhe deu em relação a investimentos?
- 20) Como você acredita que seria possível mudar a situação nas escolas em relação à vida econômica?
- 21) O que a escola pode fazer para preparar as pessoas para o futuro financeiro?
- 22) Como você acredita que haveria melhor participação das pessoas em investimentos na Bolsa de Valores?
- 23) Quem você acredita que seria o responsável pela educação financeira do estudante?
- 24) Como o governo poderia mudar a situação da educação financeira das pessoas?
- 25) Qual a importância da educação financeira na vida das pessoas?
- 26) Qual a idade você acredita que seria Ideal para que a educação financeira iniciasse na vida das pessoas?
- 27) Qual(is) a(s) matéria(s) você acredita que deveria desenvolver a educação financeira na escola?
- 28) O que você pensa sobre as pessoas que investem apenas em caderneta de poupança?
- 29) O que você diria para um adolescente – do Ensino Médio - sobre investimento em Bolsa de Valores?
- 30) Quais são as vantagens de investir na Bolsa de Valores?
- 31) E quais são as desvantagens em investir na Bolsa de valores?
- 32) Em que idade você ensinaria algo sobre economia (gastos, consumo, ganhos, salário...) para seu filho?
- 33) Em que idade você gostaria de ter aprendido o que sabe agora sobre economia?
- 34) O que você acha que deveria ser ensinado sobre finanças na escola?
- 35) O que você pensa sobre os programas do governo de colocar no currículo a educação financeira?
- 36) Quais aspectos da educação financeira você acha que deveriam ser ensinados?

APÊNDICE I – ENTREVISTA 7- CONSULTOR FINANCEIRO 1

APÊNDICE I – ENTREVISTA 7- CONSULTOR FINANCEIRO 1

Alex - Qual a importância de as pessoas pouparem?

CF1 - Para terem um recurso no futuro.

Alex - Onde e quando as pessoas devem aprender sobre isso?

CF1 - Em casa e na escola.

Alex - Qual o papel da família na educação financeira?

CF1 - Muito importante. Eu vejo no meu caso, meu pai me ensinou bastante, como poupar, até sou um pouco refém, não consigo gastar muito em função disso. Mas acho importante as pessoas se prepararem desde cedo pelo fato de ver muita gente idosa sem... Não têm nem condições de comprar seus remédios.

Alex - Qual o papel da escola nessa educação?

CF1 - É para ter uma continuidade do que tu aprendes em casa. É importante que as pessoas saibam zelar sobre sua situação financeira.

*Alex - Que sugestões você daria para uma educação financeira na escola?
Como deveria ser a educação financeira na escola?*

CF1 - Eu acho que deveria ter exemplos ou mecanismo que ensinassem elas a valorizarem o que levam para escola, o alimento, sua mesada ou parte de sua mesada deveria ser guardada para o futuro, ou a importância de eles ajudarem pais.

Alex - O que é corretora de valores?

CF1 - Corretora é um lugar que intermedia negociações entre a pessoa física ou jurídica e a Bolsa de Valores.

Alex - Qual o perfil do pessoal que procura a corretora de valores?

CF1 - Geralmente muito agressivo.

Alex - Qual a motivação de leva tais pessoas a procurar a Bolsa como investimento?

CF1 - Ficar rico.

Alex - O que as pessoas sabem a respeito da Bolsa quando chegam pela primeira vez?

CF1 - Bem pouco, quase nada.

Alex - Por que você acha que as pessoas têm esse comportamento?

CF1 - Falta de cultura, da parte mais primária e do contexto do país, que sempre tinha inflação alta, juros altos, em geral, não há uma cultura de... pensam sempre no hoje, ontem...

Alex - Qual o rendimento médio no último ano na Bolsa de Valores?

CF1 - Nos últimos nove meses, é negativa.

Alex - O que é curto, médio e longo prazo para um aplicador da Bolsa de valores?

CF1 - Depende da agressividade da pessoa que tá investindo na Bolsa de Valores, a gente pode olhar se for falar em gráfico, pode falar em 15 minutos. O gráfico semanal, se pensar em Bolsa de Valores no contexto em si, pode... Médio prazo de 2 a 8 anos, longo prazo de 8 pra mais.

Alex - O que você acredita de deva ser feito para as pessoas saberem mais sobre a aplicação na Bolsa de Valores?

CF1 - Se informarem mais e terem acesso a programas que...

Alex - Qual a relação que você percebe existir (se existe) entre a Matemática os modos de investimento?

CF1 - Tem sim, porque pra gente calcular o rendimento precisa da matemática, especialmente em números. É a matemática.

Alex - Qual a relação você encontra naquilo que aprendeu na escola (Ensino Médio e/ou faculdade) em Matemática e na vida?

CF1 - Sim, de duas maneiras, para calcular retorno, os investimentos e a fundamentação da empresa, a história em geral, econômica, micro e macroeconomia.

Alex - Qual a aprendizagem que sua família lhe deu em relação a investimentos?

CF1 - Sim, eu comecei a pegar gosto pela coisa porque meu pai via folhas de cotação de overnight e...

Alex - Como você acredita que seria possível mudar a situação nas escolas em relação à vida econômica?

CF1 - Implementar algum programa e isso... Seja uma matéria em sala de aula, seja dentro de alguma matéria, um workshop, alguma coisa sobre planejamento financeiro ou planejamento de investimentos.

Alex - Como o governo poderia mudar a situação da educação financeira das pessoas?

CF1 - Poderia mudar incentivando mais a educação... Com as pessoas...

Alex - Qual a importância da educação financeira na vida das pessoas?

CF1 - Muito grande pelo fato de uma pessoa bem resolvida financeiramente consegue, tem maior facilidade com a sociedade.

Alex - O que você pensa sobre as pessoas que investem apenas em caderneta de poupança?

CF1 - Buscam uma segurança que pode ser temporária, porque a caderneta de poupança ..se tiver depositado numa instituição que venha a sofrer um... Mas acredito que é mais falta de conhecimento porque muitas vezes ela remunera, mas o dinheiro perde valor com o tempo também...

Alex – Quais as vantagens de investir na Bolsa de Valores?

CF1 - Vantagem de investir. Longo prazo é a visão de ter um retorno maior em teu investimento.

Alex - E quais são as desvantagens em investir na Bolsa de valores?

CF1 - Em curtos espaços de período de tempo a gente pode enfrentar uma crise, e se não analisar a empresa direito, pode ter um retorno muito às vezes, perder o dinheiro investido. E nesses momentos saber lidar como emocional, porque o emocional entra nessa parte... Não te deixando... Em empresa que tu acha que... Talvez a hora dessa empresa já tenha passado. O risco, enfim.

Alex - Em que idade você ensinaria algo sobre economia (gastos, consumo, ganhos, salário...) para seu filho?

CF1 - A partir de uns 7 – 8 anos já é possível.

Alex - Em que idade você gostaria de ter aprendido o que sabe agora sobre economia?

CF1 - Mais ou menos nessa faixa de idade. É que as crianças têm maior facilidade de aprender, e o quanto antes, melhor.

Alex - O que você acha que deveria ser ensinado sobre finanças na escola?

CF1 - Bom, não sabia.

Alex - O que você pensa sobre os programas do governo de colocar no currículo a educação financeira?

CF1 - Finanças pessoais e alternativa de investimentos são difíceis falar isso para as crianças, mas criar a cultura de poupador numa sociedade, talvez esse seja o ponto mais importante.

APÊNDICE J – ENTREVISTA 8- CONSULTOR FINANCEIRO 2

APÊNDICE J – ENTREVISTA 8- CONSULTOR FINANCEIRO 2

Alex - Qual a importância de as pessoas pouparem?

Consultor Financeiro 2 - É a importância de ter um futuro mais confortável, mais feliz materialmente falando, a gente sabe que o dinheiro não é tudo, mas ele é bem importante, sem ele, um valor mínimo a gente não tem tranquilidade, paz, então precisa também dele, saber gerir as economias, não importa como...

Alex - Onde e quando as pessoas devem aprender sobre isso?

CF2 - Eu acho que na escola primeiro. Primeiro em casa, os pais que tiverem uma economia de não gastarem de poupar, de gerir, com certeza pode ajudar. Mas, independente disso, acho que a escola pode ter alguma coisa no currículo... Com certeza é uma evolução... Só tem a trabalhar, então só pode trabalhar a nosso favor. Então, não tem como ser ruim. Acho bem importante.

*Alex - Que sugestões você daria para uma educação financeira na escola?
Como deveria ser a educação financeira na escola?*

CF2 - Na linguagem do estudante de primeiro ou segundo grau, alguma coisa muito simples, que nem a gente aprende a contar em matemática, com giz colorido, a gente separa em diferentes pauzinhos e tal, pequenos objetos. A gente pensar no banco imobiliário é um excelente educador financeiro. Gerações tiveram o banco imobiliário como ganhar dinheiro...

Alex - O que é Bolsa de Valores?

CF2 - Bolsa é o ambiente criado pelas corretoras – comum, onde todas as pessoas operam, para transacionar títulos de crédito, títulos mobiliários como a gente chama. Praticamente a Bolsa existe para se negociar as empresas e a função dela é dar um espaço, dedicar um espaço para as pessoas que acreditam nas empresas, que acreditam no futuro da economia, é muito importante para a economia, dar a oportunidade para as pessoas, para as empresas, para qualquer entidade que seja e participar da economia, do crescimento das empresas. E tirar, aproveitar o crescimento dessas empresas... Acho essa é a função da bolsa, é para isso que ela existe. E os corretores têm o papel de democratizar o acesso para todo mundo, porque as

corretoras organizadas e ter um ambiente de bolsa e dar acesso a todo mundo, informação, total transparência, a corretora é a que garante essa transparência.

Alex - Qual o perfil do pessoal que procura a corretora de valores?

CF2 - O perfil da pessoa que procuram, acho importante ver a pessoa que procura da pessoa que pode se sentir bem. O perfil da pessoa que procura, acho que hoje, no mercado... É da pessoa que gosta de inovação, gosta de novidade, de saber o que tem de novo no mercado. O primeiro pré-requisito é alguém que está pensando no longo prazo, que quer encontrar alternativas para colocar suas economias, que tá ligado no que está acontecendo, está conectado. Isso é diferente da pessoa que procura... A motivação. Acho que todo mundo que procura bolsa pensa em rentabilidade, especialmente no longo prazo. Poxa, tenho as minhas economias, o que eu vou fazer com elas: a poupança, o CDB, começa com algo que pensa em bolsa também. Acho importante salientar é seguinte: esse é o perfil da pessoa que procura, acredito. Mas também acho importante falar que em bolsa, a gente tem produtos para todo tipo de investidor, para quem tem aversão a risco e para quem é jogador, gosta de jogar pôquer, tem produto para todos esses tipos de riscos e de rentabilidade também.

Alex - O que as pessoas sabem a respeito da Bolsa quando chegam pela primeira vez?

CF2 - Em geral nada, tem alguns que tem uma ideia de como funciona, mas muitas pessoas entendem que não conhecem, a média geral é a pessoa não conhecer.

Alex - Por que você acha que as pessoas têm esse comportamento?

CF2 - Acho que, primeiro, porque a gente não tem educação financeira, não tem um sistema voltado para ensinar as pessoas as formas de ganhar dinheiro, rentabilizar o seu dinheiro, primeira coisa. Segundo, o país é muito novo ainda porque nossa economia tá se desenvolvendo numa velocidade muito grande, há vinte anos não existia quase nada do que tem hoje de economia no Brasil. Então são dois fatores, eu só digo que a educação financeira, e o estágio inicial, o estágio de maturação.

Alex - Qual o rendimento médio no último ano na Bolsa de Valores?

CF2 - No último ano a Bovespa deve estar na casa de 5%, 4% coisa assim.

Alex - O que é curto, médio e longo prazo para um aplicador da Bolsa de valores?

CF2 - Isso também depende do perfil. Assim, por exemplo, para quem é um *day-trader*, longo prazo pode ser um mês. Para quem é investidor de longo prazo, pode ser 5 anos ou mais. Depende do perfil realmente.

Alex - Qual a relação que você percebe existir (se existe) entre a Matemática os modos de investimento?

CF2 - Está intimamente ligada, não é uma matemática difícil, mas a gente precisa saber calcular a rentabilidade, juro composto, taxa, despesa de operação, impostos, com certeza a matemática tá aí. É, mas é mais dividido em...

Alex - Qual a relação você encontra naquilo que aprendeu na escola (Ensino Médio e/ou faculdade) em Matemática e na vida?

CF2 - Realmente, eu não tinha pensado sob esta prisma, é claro a educação no Ensino Médio contribuiu para tu poder controlar e circular, ... mas aplicado, em termos de educação financeira, ou exercícios, como economia não tem nada diretamente.

Alex - Qual a aprendizagem que sua família lhe deu em relação à investimentos?

CF2 - Eu não tive educação financeira em casa. Eu aprendi da maneira mais robusta que tem, que é não saber que as coisas podem ser bem representativas e não aproveitar e depois fica sem receita e aí fica difícil para ti.

Alex - O que a escola pode fazer para preparar as pessoas para o futuro financeiro?

CF2 - Dar os princípios de educação financeira, ou seja, gastar menos do que ganhar, e dedicar um valor todo mês, por menos que seja para a econômica, para investimentos.

Alex - Quem você acredita que seria o responsável pela educação financeira do estudante?

CF2 - É fácil colocar no da escola, acho que para a criança pai e mãe, acho que a escola pode chefiar.

Alex - Como o governo poderia mudar a situação da educação financeira das pessoas?

CF2 - Com certeza colocar no currículo básico das escolas no ensino fundamental e médio ou uma cadeira que tratasse disso. Não precisa muita coisa, mas tinha que estar no currículo.

Alex - Qual(is) a(s) matéria(s) você acredita que deveria desenvolver a educação financeira na escola?

CF2 - Poderia colocar exemplos em exercícios de matemática. Educação moral e cívica não tem mais hoje, acho que nas aulas de matemática.

Alex - O que você pensa sobre as pessoas que investem apenas em caderneta de poupança?

CF2 - Acho que quem aplica em caderneta de poupança por um lado está se preocupando em poupar, isso é importantíssimo, é o pontapé inicial, por outro lado, de repente a gente pode ter outras opções interessantes para essas pessoas, que talvez elas não conheçam, ... a poupança é um veículo que pode se transformar em outros interessantes.

Alex - Em que idade você gostaria de ter aprendido o que sabe agora sobre economia?

CF2 - Os princípios básicos: saber gastar menos do que ganhar e saber o que fazer com o que sobra. Saber calcular o custo verdadeiro de um financiamento. A gente compra um carro, por exemplo e acha que só vai pagar , mas vai pagar um monte de outras coisas, seguro, IPVA, garagem, combustível, manutenção,

esses três princípios: gastar menos do que ganha, saber o que fazer com o que ganhar e saber calcular o real custo dos financiamentos que a gente faz.

Alex - O que você pensa sobre os programas do governo de colocar no currículo a educação financeira?

CF2 - Eu acho excelente, se já tivesse acontecido seria melhor ainda, mas se ainda não aconteceu, que bom que estão pensando em fazer isso.

APÊNDICE K – ENTREVISTA 9- CONSULTOR FINANCEIRO 3

APÊNDICE K – ENTREVISTA 9- CONSULTOR FINANCEIRO 3

Alex - Qual a importância de as pessoas pouparem?

Consultor Financeiro 3 - Olha, quando tu ficar velho, tu vais descobrir.

Alex - Onde e quando as pessoas devem aprender sobre isso?

CF3 - Principalmente aqui no Brasil, a pessoa tinha que ter uma base... mas a gente vê que isso não acontece.

Alex - Qual o papel da família na educação financeira?

CF3 - Assim como os setores da educação, da educação financeira formal, a família é de suma importância...

Alex - Qual o papel da escola nessa educação?

CF3 - Assim como a escola ajuda a formar o caráter, ela deveria ajudar a formar o pensamento do jovem nessas questões, dar importância para a educação financeira.

*Alex - Que sugestões você daria para uma educação financeira na escola?
Como deveria ser a educação financeira na escola?*

CF3 - É que eu estudei em colégios que davam aula – tinha filosofia e sociologia, que nem sempre é obrigatório, e nem tem em todos os colégios, então eu acho que na forma de uma disciplina, que deveria ser dada, para disponibilizar para os alunos.

Alex - O que é Bolsa de Valores?

CF3 - Bolsa de valores é o lugar onde o dinheiro troca de mãos, cuida das alavancas empresariais de nosso país, é muito importante, esse é o papel, de financiamento de empresas eu acho que ajuda o Brasil a ser o que ele é hoje.

Alex - Qual o perfil do pessoal que procura a corretora de valores?

CF3 - Quem procura é porque tem dinheiro ocioso, e isso aqui no Brasil é privilegio de uma elite, infelizmente.

Alex - O que as pessoas sabem a respeito da Bolsa quando chegam pela primeira vez?

CF3 - Acham que é o cassino.

Alex - Por que você acha que as pessoas têm esse comportamento?

CF3 - Desinformação, com certeza.

Alex - O que mais atrai as pessoas para fazer um investimento na Bolsa da Valores?

CF3 - Dinheiro rápido e fácil, o que as vezes não é realidade e é uma coisa que acaba frustrando as pessoas, inclusive.

Alex - O que é curto, médio e longo prazo para um aplicador da Bolsa da valores?

CF3 - É uma questão muito pessoal, para alguns curto prazo pode ser um dia e para outros, semanas. Longo prazo para alguns é 3 meses, para outros é 5 anos. É uma questão muito pessoal que tem que ser discutido entre operador e cliente.

Alex - O que você acredita de deva ser feito para as pessoas saberem mais sobre a aplicação na Bolsa de Valores?

CF3 - A Bovespa está com uma campanha muito interessante que é do “Quero ser sócio”, eu acho que educação financeira em conjunto com as próprias entidades, como a Bovespa e a CVM para difundirem essa cultura. Tem que ser criada uma cultura de consumo para esse segmento de mercado e ela tem que ser e não basta criar só a cultura, tem que ensinar a pessoa a fazer isso, então acho que é uma questão conjunta. Acho que principalmente uma obrigação do estado.

Alex - Qual a relação que você percebe existir (se existe) entre a Matemática os modos de investimento?

CF3 - Matemática básica sempre é essencial e inclusive matemática financeira tem que haver algumas bases. Agora isso é muito relativo, depende da maneira como tu encara a bolsa, se tu for uma pessoa que utiliza fórmulas

quânticas para fazer o teu investimento, ótimo. Agora se tu és uma pessoa que fica fazendo uma análise de uma empresa, o cenário econômico. Mas matemática financeira deve haver.

Alex - Qual a relação você encontra naquilo que aprendeu na escola (Ensino Médio e/ou faculdade) em Matemática e na vida?

CF3 - Questões que acho interessante seria nessas questões da escola... disciplinas como sociologia e filosofia, que muito do que eu trabalho hoje vem de uma noção que o meu professor passava sobre investimentos, e na questão de filosofia, a questão psicológica que era bastante trabalhada.

Alex - O que e quando você aprendeu algo na escola (e/ou faculdade) sobre investimentos?

CF3 - Essas questões de... na aula de sociologia o professor dava uma visão muito interessante, mas era mais focado em poupar e investir o dinheiro e abrir seu próprio negócio, não era exatamente investimento financeiro.

Alex - Qual a aprendizagem que sua família lhe deu em relação à investimentos?

CF3 - Minha mãe não tem uma cultura muito financeira, meu pai, apesar de ter... nunca foi muito arrojado, de uma maneira muito interessante, tinha um cômodo da casa que, sempre que ele passava, ele depositava uns trocos dele, e quando chegava a um determinado montante ele depositava numa poupança, eu acho bastante interessante e eu faço hoje, mesmo depois de meu pai ter falecido. Não deixa de ser uma forma de educar financeiramente: poupar.

Alex - Como você acredita que seria possível mudar a situação nas escolas em relação à vida econômica?

CF3 - Olha, investimento sério, porque a gente sabe que investimento tem, só falta ser sério.

Alex - O que a escola pode fazer para preparar as pessoas para o futuro financeiro?

CF3 - A vida, a vida oportuniza. A vida ensina, mas ela bate, então como a gente já viu anteriormente, deve ser um conjunto de coisas, os pais devem incentivar, deve haver um incentivo na escola, se possível. E quanto mais gente, melhor, círculo de amigos, até uma questão de círculo de amigos isso.

Alex - Como o governo poderia mudar a situação da educação financeira das pessoas?

CF3 - Essa semana passou uma semana no Jornal Nacional que falava sobre a Coreia do sul e os principais países que tem maiores investimentos em educação e a relação que isso tem com o crescimento econômico deles. Eu acho isso importante, investimento em educação é a chave. E não tem como dizer que não.

Alex - Qual a importância da educação financeira na vida das pessoas?

CF3 - Se tu quer ter as tuas coisas, tu vai ter que poupar e poupar da melhor maneira possível, e depois tu vai ter mais idade e tu vai ver a importância de ter um patrimônio...

Alex - Qual a idade você acredita que seria ideal para que a educação financeira iniciasse na vida das pessoas?

CF3 - A pessoa sempre deve ter a noção de finanças, desde o mais cedo possível a família deve incentivar. Creio que no ensino fundamental deveria ser dado algum tipo de estímulo, acredito que a partir da 4ª ou 5ª série, acho que a criança já tem alguma maturidade e pode desenvolver.

Alex - Qual(is) a(s) matéria(s) você acredita que deveria desenvolver a educação financeira na escola?

CF3 - A matemática poderia dar alguma, alguma cadeira de matemática financeira, ou talvez algum tempo dedicado maior à matemática financeira. E essa questão de sociologia eu acho bem importante para inserir essa questão de investimento.

Alex - O que você pensa sobre as pessoas que investem apenas em caderneta de poupança?

CF3 - Eu penso que depende do perfil, se a pessoa se sente realmente segura na caderneta de poupança, se aquele é o perfil dele, não tem como eu dizer que está errado. Agora se a pessoa não está fazendo outra coisa porque não tem conhecimento, eu posso dizer que a pessoa está perdendo dinheiro.

Alex - Qual (is) é (são) a(s) vantagem(ns) de investir na Bolsa de Valores?

CF3 - Rentabilidade com certeza. Isso é para cardíaco, é uma questão de não é sorte a palavra, mas tu ta sujeito a perder dinheiro se tu não fores instruído. Está sujeito a perder em algum momento.

Alex - Em que idade você ensinaria algo sobre economia (gastos, consumo, ganhos, salário...) para seu filho?

CF3 - Desde cedo, eu iria introduzir algo sobre educação financeira, desde quando aprendesse a falar.

Alex - Em que idade você gostaria de ter aprendido o que sabe agora sobre economia?

CF3 - As minhas bases em casa foram muito boas, acredito que desde cedo, aprendendo a poupar.

Alex - O que você acha que deveria ser ensinado sobre finanças na escola?

CF3 - Acho excelente, acho que eles demoraram.

Alex - Quais aspectos da educação financeira você acha que deveriam ser ensinados?

CF3 - Poupar é como investir, não basta guardar dinheiro, tu tem que saber o teu perfil para fazer o montante crescer da maneira mais interessante dentro do teu perfil.

**APÊNDICE L – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS
CONSULTORES FINANCEIROS**

APÊNDICE L

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS CONSULTORES FINANCEIROS

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar como entrevistado da pesquisa “A relevância da educação financeira na formação de jovens”, sob responsabilidade do mestrando Alex Ferranti Pelicioli e orientação do Prof. Dr: Maurivan Güntzel Ramos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática.

Declaro que estou ciente de que as informações prestadas serão analisadas e utilizadas na investigação, mas será garantido o anonimato.

Porto Alegre, de de 2009.

**APÊNDICE M – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS
PAIS DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

APÊNDICE M
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PAIS DOS
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Eu, _____, abaixo assinado, concordo com a participação do meu filho, _____ como entrevistado da pesquisa “A relevância da educação financeira na formação de jovens”, sob responsabilidade do mestrando Alex Ferranti Pelicioli e orientação do Prof. Dr: Maurivan Güntzel Ramos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática.

Declaro que estou ciente de que as informações prestadas serão analisadas e utilizadas na investigação, mas será garantido o anonimato.

Porto Alegre, de _____ de 2009.
